

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO VI

HOMENAGEM AO PROF. PIERRE DAVID
VOLUME I



COIMBRA / 1955

A legenda dos santos mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, do cód. CV/1-23 d., da biblioteca de Évora

INTRODUÇÃO

Quando Floro, no séc. IX, ou, mais provavelmente, um Pseudo-Floro de época tardia, acrescentou o martirologio de Beda, escreveu estas linhas em torno de (S. Veríssimo, S. Máxima e S. Júlia: «Elissipona civitate, passio sanctorum Verissimi, Maximi et Juliae, qui passi sunt sub iDatiano praeside. Quorum Datianus confessione comperta, parari secretarium jubet et intromitti lictores, extendi martyres, admoveri verbera, colligari ungulas, exponi aquuleos, et tendiculas imperavit. Et, cum nihil horum Dei famulos aut terruit promissum aut superavit appositum, gladio tandem consummantur» C¹).

Que ele (ou qualquer copista) se enganasse no sexo de S. Máxima, não tem importância, nem será caso único na história destes santos.

Por sua vez, Usuardo transpôs os Pirenéus no ano 85-8, percorreu várias cidades da Península Ibérica, em busca de relíquias, e não faltam, no seu martirologio, referências aos santos hispânicos (2). Entre elas, vem uma sobre os mártires acima ditos, desta vez em linhas mais breves: «Apud provinciam Lusitaniam, civitate Olisepona, sanctorum martyrum Verissimi, Maximae et Juliae sororum» (3).

Tudo isto é pouco e a descrição do Pseudo-Floro tem bastante dum lugar comum. Ainda assim, quanto ao facto essencial da inscrição dos mártires nos calendários litúrgicos, convém notar a sua existência muito anterior ao séc. IX:

0) *Patrologia Latina*, 94, cols. 1059-1060.

(2) (Baudouin de Gaiffier, *Les notices hispaniques dans le martyrologe d'Usuard*, «(Analecta Bollandiana)» 55 (Bruxelas, 1937) 2>68-2<83.

(3) *PL.*, 124 cols. 525-526.

«A tradição litúrgica aparece-nos assim documentada desde o ano de 858 (escreve Miguel de Oliveira, referindo-se a Usuardo). É possível, no entanto, ascender a época mais remota.

«O notabilíssimo historiador da liturgia Don Marius Férotin publicou no *Liber Ordinum* alguns calendários moçárabes em que se mencionam os nossos Santos, no dia 1 de Outubro.

«Num códice do ano 1039, lê-se: *Et sanctorum Verissime*—. Num de 1052: *Sanctorum Verissimi, Maxime et Iuüie*. Num de 1066 : *Sancti Verissimi, Maxime et Iuüie*. Num de 1067: *et sanctorum Verissimi, Maxime et Iuüie, martyrum Christi*. Num de 1072: *et sanctorum Verissim., Maximí et Iuüie, martyrum Christi*. Finalmente, no calendário de Córdoba do ano 961: *Et in ipso est Christianis festum Iuüie et sociorum eius, interfectorum in Vlixisbona, super mare Oceanum (Liber Ordinum, pág. 480, 481, 452)*».

Embora estes calendários sejam dos sécs. X e XI, a maior parte dos santos neles mencionados tinha culto já antes da invasão árabe. Coordenando todos os dados, é lícito concluir: «Os Santos Mártires de Lisboa já estavam inscritos nos calendários uns 200 anos depois do seu martírio i⁽⁴⁾.

Uma inscrição de La Morera, na Andaluzia, talvez do séc. IX/X (Ö), fala-nos das relíquias dos três mártires. Sabemos também que o seu culto atingiu certa expansão em terras portuguesas longe de Lisboa: «eram oragos duma Igreja no território de Coimbra, em 927, e titulares secundários do mosteiro de Vacariça, em 1018. Todavia, só o primeiro é que foi orago de quatro freguesias

(4) P.® Miguel de Oliveira, *Os Santos Mártires de Lisboa Verissimo*, *Máxima e Júlia*, «Novidades» *Letras e Artes* (Lisboa, 30-9-1945) 2.

<⁽⁵⁾ Ángel Fábrega Grau, *Pasionario Hispánico*, 1 (Madrid-Barcelona, 1953) 216, cita a opinião de Vives, o qual nega pertencer tal inscrição ao séc. VI, relegando-a para a época pós-visigótica, a avaliar pelo formulário. Com efeito, José Vives, *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda* (Barcelona, 1942) 111, escreve: «De época incierta, pues solo conocemos el texto, que, por el formulario, más bien juzgaríamos posvisigótico. No es pues prudente apoyarse en su testimonio para hacer remontar al siglo VI el culto de algunos santos en ella citados». Avelino de Jesus Costa, *O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga*, 1 (Coimbra, 1959) 342, nota 4, é também da opinião de Vives e Fábrega Grau, e diz: «Esta inscrição parece mais dos sécs. IX-X do que do VI, como alguns julgavam». Trata-se duma lista de relíquias existentes num altar.

do Censual de Braga e talvez dalgumas capelas, que deviam existir nas localidades que tinham o nome de S. Veríssimo» (6).

Os moçárabes de Lisboa conservaram, certamente, a recordação destes mártires, pois Osberno, ao narrar a conquista de Lisboa aos mouros, em que tomou parte, refere-se à tradição local em torno dos três santos, sem esquecer os restos arqueológicos do antigo santuário destruído pelos muçulmanos: «Sub temporibus regum Christianorum priusquam mauri eam optinuissent, trium martyrum memoria juxta urbem in loco qui dicitur Compolet celebrabatur, scilicet Verissimi et Maximi et Julie virginis, quorum ecclesia a mauris solotenus destructa, tres tantum adhuc lapides in signum ruinae suae ostendit, qui nunquam ab inde potuere sustolli. De quibus alii dicunt eos fore altaria, alii bustalia» (7). E quando os parlamentares de D. Afonso Henriques se dirigem às autoridades de Lisboa muçulmana, escutamos estas palavras do arcebispo de Braga '(a testemunhar o conhecimento que fora de Lisboa havia do martírio dos três santos) : «Testis est in urbe ista sanguis martyrum pro Christi nomine sub Ageiano Romano principe effusus, Maximae scilicet et Verissimi et Juliae virginis» <(8).

Talvez o discurso do arcebispo fosse, em parte, aperfeiçoado por Osberno, pois mete bastante erudição. Seja como for, corria uma legenda dos três mártires, em que entrava o nome de Ageiano, que em vão procuramos na legenda do breviário de Évora utilizado por Flórez (9) e na publicada por Tamayo (10).

(6) Avelino de Jesus Costa, *O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga*, <1 (Coimbra, 1969) 342.

(7) *Conquista de Lisboa aos Mouros (1147). Narrada pelo Cruzado Osberno, testemunha presencial* (Lisboa, 1935) 42-43. Edição bilingue por José Augusto de Oliveira. *Verissime et Maximi*, em vez de *Verissimi et Maxime*, deve ser erro do copista do manuscrito, tanto mais que adiante, no discurso do arcebispo de Braga, já vem tudo certo. Vid. o estudo de Rui de Azevedo, pp. 343-370 deste volume e estampa.

(8) *Ib.*, 53. Tanto esta passagem transcrita por nós como a antecedente podem ler-se, também, na edição dos *Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores* (Lisboa, li856) 396, 398 (Vid. estampa).

(9) Henrique Flórez, *España Sagrada*, 14 (Madrid, 1786) 397-398. Fr. Diogo do Rosário, *História das vidas e feitos heroycos e obras insignes dos sanctos*, 2 (Coimbra, 1577) fis. 159-4 60, verteu estas páginas em português.

(10) O texto de Tamayo foi reeditado, pelos bolandistas, em *Acta Sanctorum*, Outubro, 1 (Antuérpia, 1761) 28-29. As notas desta edição nem sempre

De quando data a *paixão* dos santos mártires, impressa por Tamayo? Já se vê que falamos da parte mais antiga e não do aditamento que, na dita edição, conta a reconquista de Lisboa aos mouros e a trasladação das relíquias, no reinado de O. João TI C¹¹)-

Pois bem, depois de se referir a vários calendários e passionários hispânicos, do período moçárabe, Fábrega Grau conclui: «No parece, pues, que esta *Pasión* fuera compuesta o a lo menos divulgada en una época anterior a mediados del siglo X» (12).

Nos limitamo-nos a chamar a atenção do leitor para o seguinte: As linhas atrás citadas, do Pseudo-Floro, encontra mo-las, também, na *paixão* editada por Tamayo e pelos bolandistas. So há urna diferença apreciável, isto é, a omissão do nome de Daciano. Vale a pena transcrever estas linhas breves:

«Quorum iudex confessione comperta, parari secretarium, intromitti lictores, extendi martyres, admoveri verbera, colligari ungulas et exponi equuleorum tendicula imperavit. Sed nihil horum 'Dei famulos terruit aut promissum, aut superavit appositum» (13).

Em torno dum núcleo central, julgamos que se formaram várias legendas, com diferenças notáveis. No Pseudo-Floro, o perseguidor chamava-se Daciano. Osberno, pela boca do arcebispo de Braga,

estão certas. Texto idêntico (embora doutro manuscrito) vem editado no *Catalogus Codicum Hagiographorum Latinorum... qui asservantur in Bibliotheca Nationali Parisiensi*, 1 (Bruxelas, 1889) 352-353. Contudo, notamos algumas variantes. O manuscrito editado por Tamayo não fala da fundação de Lisboa por Ulisses, ao contrário do apógrafo parisiense. Em compensação, diz-nos que os corpos dos mártires, antes de serem atirados às águas, ficaram insepultos na terra, durante algum tempo, para serem devorados pelas feras e aves de rapina. Ora, estes pormenores não os encontramos no texto editado no referido catálogo. E outras variantes. Cf., também, *Breviarium secundum consuetudinem sancte Elborensis ecclesie* (Sevilha, 1528) fis. 378v.-379, cujas lições (no que respeita aos três mártires) resumem o texto posteriormente publicado por Tamayo. Como se vê, Flórez utilizou outra edição do breviário de Évora, cujas lições não coincidem com as da citada edição de Sevilha.

O¹) Tal aditamento falta, por exemplo, no *Breviarium secundum consuetudinem sancte Elborensis ecclesie* (Sevilha, 1528) fis. 37<8v.-379.

(12) Ángel Fábrega Grau, *Pasionario Hispánico*, 1 (Madrid-Barcelona, r95-2) 1^o6, 217. Fábrega Grau (cf. *ib.*, 56) tem em vista um texto manuscrito com uma «paixão» igual à publicada por Tamayo.

(13) *Acta Sanctorum*, Outubro, 1 (Antuérpia, 1761) 28.

dá-lhe o nome de Ageiano. Na legenda do manuscrito de Évora, que adiante publicaremos, foi Tarquinio ou Tarquino.

Por seu lado, o *Liber Anniversariorum Ecclesiae Cathedralis Colimbriensis*, ou *Livro das Kalendas*, faz menção dos companheiros de Veríssimo, Máxima e Júlia, companheiros esses que as legendas por nós conhecidas passam em silêncio: *Eodem die* ⁽¹⁴⁾ *in Hispaniis duitate Vlixbonensi sanctorum Verissimi, Maxime et Iulie et comitum eorum qui per diuersa penarum genera migrauerunt ad aetherea regna* ⁽¹⁵⁾.

Passemos, agora, ao *Livro e legêda que iala de todolos ieytos e payxoões dos sãtos mártires, em lingoagem português*, a que chamaremos, simplesmente, *Legenda dos Santos Mártires*. Embora impresso em 1513, a sua linguagem é bastante mais antiga. Trata-se da versão medievo-portuguesa duma obra de Bernardo de Brihuega, esse Bernardo de Brihuega que viveu no séc. XIII e foi colaborador de Afonso o Sábio.

Referimo-nos, claro está, as legendas dos mártires contidas neste volume e não à história da Paixão de Cristo e mais coisas que as antecedem ⁽¹⁶⁾.

Pois bem, nas páginas deste livro em caracteres góticos, encontramos, também, a antiga legenda dos santos mártires, de que fala Fábrega Grau, embora traduzida livremente:

Da vida e da paixõ de sã Verissimo e de sãta Maxima e de sãta Julia, e logo de como fazia o adiãtado de Lixboa a todolos da çidade viir sacrificar aos y dolos e nõ lhes quiser 5 sacrificar sã Verissimo © sãta Maxima e sãta Julia. Capitulo CXVII.

Em no tempo destes emperadores ⁽¹⁷⁾ de que vos agora falamos, em que obedeçã totalas provincias ao emperador de Roma, servia todolos cidadãos das terras a vontade dos gentios em na persiguiçã dos christãos, de guisa que

⁽¹⁴⁾ listo é, *Kalendis Octobris*.

⁽¹⁵⁾ *Liber Anniversariorum Ecclesiae Cathedralis Colimbriensis*, 2 (Coimbra, 1948) 178.

⁽¹⁶⁾ IMário Martins, *A Legenda dos Santos Mártires e o Flos Sanctorum de 1313*, «Brotéria» 72 (Lisboa, 1961) 155-165. Sobre o autor da *Legenda dos Santos Mártires*, cf. Mário Martins, *Bernardo de Brihuega, compilador do «Livro e legenda que fala de todolos feitos e paixões dos santos mártires», «Brotéria» 76 (Lisboa, 1963) 4H-423.*

⁽¹⁷⁾ Isto é, Diocleciano e Maximiano, como consta da fl. 184.

nõ avia em todo mûdo 'logar em que se nom trabalhasse o erro dos ydolos de matar o esquêtamêto da verdadeira fe. Onde aveo em Lixboa, que he cidade pobrada êna ribeira do oceano o grade mar, que o adiantado que hy era ouve mãdado dos enperadores, so pena do corpo, que matasse de departidos tormêtos todos aqueles que nõ quisessem sacrificar a os ydolos; e aquelle escomugado adiâtado, que avia de comprir em aquela cidade aquele mandamento tâ cruel, per força cÕ seus servêtes [fez] achegar todolos naturaes da terra por que fossem fazer sacrificios aos ydolos. E dizialhes que aos que cõtradissem o sacrificio, que se avia de fazer segado costume dos gentios, que lhes daria penas de muytas guisas, e aos que consentissem prometialhes galardões. Mas aveo assi que, âtre todolos outros que forã enganados pellos afagamêtos deste mudo por dar sacrificios aos falsos ydolos dos diabos, avia tres tnãçebos e hũ era barõ e as duas molheres, e o baro avia nome Verissimo. E as molheres, hba delas Maxima e a outra Julia; e pero que erã partidos êna linhagê, semelhavãse todos êna virtude de coraçõ, ca todos disserõ que nõ sacrificaria em nêhũa guisa e todos cõfessarõ, de hũ coraçõ e de hũa vontade, que eram servos de Jhesu Christo e que se nõ poderiam partir em nenhtia guisa de seu serviço.

De como sã Verissimo e sãta Maxima e santa Julia iorõ estêdidos êno eculeo, rascado os cõ unhas de ierro e desy em cabo degolaromnos. Capitulo CXVIII.

Quando o juyz vio que elles confessava abertamête que erã christãos e •que diziam que nõ sacrificaria em nêhũa maneyra, mandou a huõ seu privado que fosse por todolos tormêtos e que trouvessem todolos tormêtadores e bẽ assy foy logo feito. E des que os tormêtadores forã viindos, mandou os logo o adiâtado estêder em terra e ferir açoutas de muytas guisas e desy fezeos sobir êno eculeo e rascar lhes totalas carnes cõ unhas de ferro. Mas pero nenhuas daquelas penas nom poderõ espãtar os santos marteres e davã eles muyto pouco pollo que lhes faziã, menos polo que lhes prometia ante creçiam todavia mais os seus coraçõs polos tormentos e polas penas que sofriam os corpos, que lhes davã muyto ameude huus apos outros, e a fe que eles tinhã muy firme em nosso senhor Deus fazialhes sempre sofrer a boa andança que lhes era prometida; e asanhavase toda via mais o cruel adiantado, porque via que elles cõ fiúza vêçiam totalas cousas de tormêtos, quantos elle podia asacar. E por ende a sua maa vontade, que era ja sacrificada ao diabo, asacava quantas mais artes e crueldades podia. Mas a sua arte nõ podia vêçer a batalha beãvêturada dos santos, ca a sofrêça de nosso senhor os estava castigando que se trabalhassem de receber coroa de galardõ que lhes ele tinha prestes. E depois que o adiâtado vio que os nõ podia vêçer em nêhũa guisa, mãdou os todos tres degolar, por tal que per hũa morte êviasse aos çeos as almas daquelles que a pena nõ poderá fazer cambar a voz, que fora sempre hua em cõfissom de Jhesu 'Christo; e desta guisa acabarõ seu marteiro aquêstes sanctos marteres e esto foy êno primeiro dia do mes de setêbro e a tal dia lhes faz festa a egreja.

De como atarô senhas pedras aos colos dos sanctos mártires e os deitarô em na pego e sayerôse elles logo a ribeira. ¹Capitulo CXIX.

Des que os santos marteres foram mortos, assi como avedes ouvido, nõ se teve por entregado o muy cruel adiãtado do que lhes avia feito e, por tal que os nõ tomassem os christãos, nõ os leyxou soterrar, ante lhes fez atar senhas pedras muy grandes e muy pesadas e mandouos deitar em huu pego, por tal que a obra da sepultura mui horrada, que os christãos faziam aos marteres, nõ desse testemunho da sofrêça da paixam aos que viniam depos eles. Mas antes que se tornassem aqueles que os hy deitarô, ante forô vindos os corpos dos santos marteres a ribeira do mar e forônos logo receber, cõ grade alegria, a companha dos christãos que eram ena villa. E maravillhavãse muyto da estranheza daquelle novo milagre que acõteçera, de poderê sayr cõ tam grades pedras a ourela do mar. £ avivarôselhes porêde a todos os corações e esquêtãrôselhes mais ena fe, pera nõ temer marteyro nenhuü. E levarô os corpos dos santos marteres cõ grande louvor e soterrãronos cõ muy grade honrra e nõ se escusou nenhuü dos christãos, por coussa que ouvessem de fazer em sua casa^ que nõ fossem ala, quer fosse menino, quer molher ou velho ou cãsado, e assi lhes fezerô, aquele dia, mui grande festa e muy grãde honra. £ porêde nos, por exeplo daquelo sãto povoo, fazemos em tal dia, cada ãno, grande festa aquelles mártires gloriosos ⁽¹⁸⁾.

Aqui temos nós a tradução livre da legenda mais tarde publicada por Tamayo, com as variantes inerentes aos apógrafos daqueles tempos. Ora, convém chamar a atenção para a data assinalada nesta versão em *romance*. O seu martírio *ioy êno primeiro dia do mes de setebro e a tal dia lhes faz festa a egreja*.

Contudo, em «cinq calendriers mozarabes et dans le calendrier de Cordoue, lia fête de ces trois martyrs est également annoncée le 1.^{er} octobre» ⁽¹⁹⁾. E no livro terceiro, que trata das *paixões* dos mártires, em latim, por Bernardo de Brihuega, em vão procuramos a data apontada pela *Legenda dos Santos Mártires* ⁽²⁰⁾. Talvez não passe dum *lapsus calami*.

O mais tem o piedoso sabor dum lugar comum, com o conhecido episódio dos corpos restituídos pelas águas, provàvelmente plagiado

⁽¹⁸⁾ *Livro e legeda que iaía de todolos ieytos e payçoões dos satos mártires (Lisboa, 15il3) fis. -187^188. Corrigimos a pontuação, aqui e além.*

⁽¹⁹⁾ Baudouin de Gaiffier, *Les notices hispaniques dans le martyrologe d'Usuard*, «Analecta íBollandiana» 56 (Bruxelas, 1937) 281.

⁽²⁰⁾ Bibl. da Universidade de Salamanca, ms. 25-38, fl. 197-197v.

da *paixão* do mártir S. Vicente ⁽²¹⁾. E o mesmo acontece ao hino do chamado *Breviarium Gothicum*:

Ymnus in diem sanctorum Virissimi, Maxime et Julie

Iucundum nobis hunc diem
Sanguis sacrauit martirum
Virissimi et Maxime
Julieque sororis fides.

Exultât in his Trinitas
Impari leto numero,
Polum repletur gaudio
De martirum consortio.

Trauntur ad supplicium
Hati gente nobilium;
Se nobiles esse credunt,
Mori si possent pro Domino.

Parari penas imperat
Dum fremit impius iudex,
Sanctos turbare nititur,
Quos conspicit immobiles.

Suspenduntur eculeo
Crucis armati vexillo
Pro rege vitam poner*
Morti fideles animas.

Merguntur equore vasto
Saxis colla prementibus,
Veloces Christi milites
Ora tangunt quam remiges.

Vasca Caripdis reddidit
Olisipona meruit
Extrema terre finium
Cruore pollet martirum.

⁽²¹⁾ Ángel LFábrega Grau, *Pasionario Hispánico*, 2 (Madrid-Barcelona, 1955) 195. Prudêncio conta o mesmo, no hino 5.º do *Peristephanon Liber*.

Unde grates persolvimus
ITibi Deo almifico
In trinitate unico,
Qui das sanctis auxilium.

Ob hoc precamur, !Domine,
In horum festa martirum
(Vota cunctorum accipe,
Et que poscunt adtribue ⁽²²⁾).

Entre os santos *extravagantes* do *Flos Sanctorum* de 1513, encontramos também *A vida e payxam dos sanctos mártires Verissimo, Maxima* ⁽²³⁾ e *Jullia hir mãos naturaes da cidade de Lixboa* ⁽²⁴⁾.

Há um único exemplar conhecido desta obra e a legenda acha-se truncada, no fim, terminando na ordem do juiz para os corpos dos santos mártires serem lançados às águas. Não sabemos o conteúdo exacto das folhas arrancadas. Por agora, basta dizer que a legenda do *Flos Sanctorum* de 1513 deve ter sido transcrita integralmente, sobretudo se atendermos às palavras (*Diz assy*) que precedem a narrativa: «Diz assy: Allegrese em o senhor a beaventurada Espanha» ⁽²⁵⁾.

Passemos à legenda adiante impressa da Biblioteca Pública de Évora ⁽²⁶⁾. Para maior comodidade e por causa da sua extensão, chamar-lhe-emos, de vez em quando, *legenda grande*.

Fr. Luís dos Anjos resumiu-a, no séc. XVH ⁽²⁷⁾, sem esquecer o nome de Tarquino e o lugar onde se encontrava o manuscrito utilizado. Com efeito, diz o ilustre eremita de S. Agostinho, os que escrevem Máximo e não Máxima, na vida destes santos, «vão contra os Officios proprios da sancta Igreja de Lisboa e contra *sua historia escrita de mão muy antiga, que se achou em o Mosteiro de Cheias*».

Tudo o que conta Fr. Luís dos Anjos leva a crer que tal *historia* coincidia, em tudo, com a do manuscrito eborense, ambas igualmente em latim. No entanto, acrescenta Fr. Luís dos Anjos, nessa

⁽²²⁾ PL., 86, cols. 9*06-907.

⁽²³⁾ Lá, vem *Mixima*.

⁽²⁴⁾ *Ho flos sanctorum em lingoaje português* (Lisboa, 1613) fis. 227 v.-228 v.

⁽²⁵⁾ *lh.*, fl. 227v.

⁽²⁶⁾ Bibl. Públ. de Évora, cód. CV/il-23 d., n.º 2, fis. 1-7v.

⁽²⁷⁾ Fr. Luís dos Anjos, *Jardim de Portugal* (Coimbra, 1626) 83 e ss.

legenda do 'Mosteiro de Cheias, «lemos de São Verissimo que andava em Romarias com suas irmãs, e forão a Roma visitar as reliquias dos Principes dos Apostolos São Pedro e 'São Paulo, quando merecerão ser avisados celestialmente que avião de ser martyres na cidade de Lisboa»¹ (28).

Viria isto na sobredita legenda, assim tão claro? Parece-nos que não. Fr. iLuís é que deduziria tal facto, ao encontrar em «Roma três santos que a tradição dizia serem portugueses e ao ler, na mesma legenda latina, que para Roma tinham vindo os dois maiores apóstolos, S. Pedro e S. Paulo. A presença de S. Verissimo, S. Máxima e S. Júlia, na Cidade 'Eterna, só teria uma explicação: romaria aos túmulos dos dois apóstolos. Não eram funcionários do Estado, nem clérigos metidos em negócios profanos ou religiosos, com precisão de ir tratar deles à capital do Império.

Esta nossa explicação encontra, é verdade, um obstáculo a considerar. Fr. Luís dos Anjos, se o manuscrito de Cheias fosse igual ao de Évora, leria, certamente, uma frase como esta: *de ciuitate romana oriundi sumus* (29). Somos naturais de Roma!

Temos, porém, a possibilidade de imaginar que o seu patriotismo passava por alto e esquecia facilmente tais passagens da legenda. Não seria um facto inédito, sobretudo naquele tempo. Ou então, qualquer copista teria já feito o mesmo, introduzindo certas modificações, quanto à naturalidade dos três mártires. Ou o próprio Fr. Luís dos Anjos teria utilizado, neste caso, uma tradição alheia à da *legenda grande*.

iSeja como for, o resto é igual e nada faz supor uma legenda substancialmente diversa da do manuscrito da Biblioteca Pública de Évora.

(Quanto aos milagres dos três mártires, continua Fr. Luís dos Anjos, «lemos em hua memória antiga déliés, que apparecerão em defensão de sua patria, a cidade de Lisboa, quando os Suevos, Godos, Alanos e Vandalos vierão sobre ella» (30).

Tal aparição falta no manuscrito eborense. Por conseguinte, se esta *memoria antiga* andava unida à legenda do manuscrito de Cheias, não seria este o que actualmente existe na Biblioteca Pública

(28) 76., 85-86.

(29) Bibl. Públ. de Évora, a5d. CV/1-23 d., n.º 2, fl. 3 v.

(30) Fr. Luís dos Anjos, *Jardim de Portugal*, 87.

de Évora. E não se limitam as diferenças ao episódio da aparição-Com efeito, embora o *milagre* de que foi objecto Maria Lourenço viesse registado em ambos os manuscritos ⁽³¹⁾, já não aconteceu o mesmo ao dos soldados que iam para Arzila, no tempo de D. Afonso V ⁽³²⁾, que não está entre os milagres do códice eborense.

Podemos, mesmo, ir mais longe e afirmar que o manuscrito da legenda dos mártires, existente em Chelas e utilizado pelo autor do *Jardim de Portugal*, não era o de Évora, mesmo que o episódio da remaria fosse pura invenção.

No códice eborense a *memoria* dos milagres, em letra gótica muito anterior ao tempo de Fr. Luís dos Anjos, começa na mesma página em que acaba a legenda. Por conseguinte, andou, neste manuscrito, sempre unida à legenda e não em caderno separado. Ora, seria bem estranho que Fr. Luís dos Anjos lançasse mão da legenda deste códice e fosse, depois, buscar os milagres a um manuscrito diferente, sem razão nenhuma para tal procedimento, nem referência alguma ao facto de ele conhecer (hipoteticamente) outra lista de milagres, com variantes tão notáveis.

Por seu lado, Fr. Agostinho de S. Maria teve nas mãos um manuscrito com a legenda e os milagres, existente no Mosteiro de Santos-o-Novo. E que fez ela ? Traduziu o latim (embora livremente) e contou os milagres em português '(bastante à sua maneira), só copiando o último à letra: *Historia dos Santos Martyres Verissimo, Maxima e Julia, como se acha escrita em hum livro, que se guarda no Real Convento de Santos, em lingua Latina e em letra Gótica. Que traduzida fielmente, he nesta maneira* ⁽³³⁾.

E no final da versão portuguesa, acrescenta: «Tudo o aqui referido consta da referida relação antiquissima, escrita em latim e em letra gótica, em pergaminhos finos, em hum livro preto, também de encadernação bem antiga. Este livro se conservava naquella casa, com grande veneração, e só se mostrava na ocasião da festa dos Santos Martyres aos Pregadores, para se inteirarem da sua vida e martyrio» ⁽³⁴⁾.

⁽³¹⁾ *Ib.*, 87-88; Bibl. Públ. de Évora, cód. CV/1-23 d., n.º 2, fl. 7 v.

⁽³²⁾ Fr. Luís dos Anjos, *Jardim de Portugal*, 88.

⁽³³⁾ Fr. Agostinho de S. Maria, *Historia Tripartita* (Lisboa, 1724) 29-68.

Vem somente a tradução portuguesa, faltando o original latino da legenda.

⁽³⁴⁾ *Ib.*, 68.

Como já notámos, os milagres *antigos* (como ele diz) foram transcritos sem preocupações, modernizando e até modificando a linguagem. Ao todo, são 26 ⁽³⁵⁾. Ao chegar ao último ⁽³⁶⁾, avisa o leitor de que vai transcrever à letra: «O vigéssimo sexto, e o último dos milagres que se refere naquelle livro, quero lançar na mesma forma em que se acha escrito, e da barbara e antiga fraze em que está se verá também a grande antiguidade delle; o qual começa assim: *Huti scudeyro em Torres*» ... ⁽³⁷⁾.

Este manuscrito também não é o de Évora, porque a ordem dos milagres é algo diferente e traz um a mais (o dos soldados de Arzila) e outro a menos (o do filho da mulher de Cerzeda, em último lugar no manuscrito eborense). E também não se deve confundir com o citado manuscrito do Mosteiro de Cheias, pois encontrava-se, neste, o milagre em que entra a mulher de Cerzeda mais o filho ⁽³⁸⁾.

Em resumo, conhecemos que havia, pelo menos, três manuscritos com a *legenda grande* em latim, dois deles em caracteres góticos e um *de mão muy antiga* ⁽³⁹⁾ : o do Mosteiro de Cheias, da Ordem de S. Agostinho; o do Mosteiro de Santos-o-Novo, em Lisboa (provavelmente trazido de Santos-o-Velho) ; finalmente, o da Biblioteca Pública de Évora. E não faltavam as respectivas colecções de milagres com algumas variantes e um vasto fundo comum, pelo menos no que respeita aos manuscritos de Évora e de Santos-o-Novo.

Este, digamo-lo de passagem, foi também conhecido por Jorge Cardoso, o qual, referindo-se aos três mártires, lembra que a sua história, «de letra antiga, se conserva no archivo das Cômendadeiras de Sant-Iago» ⁽⁴⁰⁾. Por sinal que estas senhoras eram bastante ciosas de tal manuscrito e mostravam-no a pouca gente ⁽⁴¹⁾.

<Não tendo conseguido encontrar, até hoje, nenhum outro apó-

⁽³⁵⁾ *Ib.* 716-94.

⁽³⁶⁾ *Ib.* 93-94.

⁽³⁷⁾ Cf. o mesmo milagre e na mesma linguagem, em Bibl. Públ. de Évora, cód. CV/il-23 d., n. 2, fis. 1ÜV.-.11.

⁽³⁸⁾ Fr. Luís dos Anjos, *Jardim de Portugal*, 2il 0-*2(1 1.

⁽³⁹⁾ *Ib.* 85.

⁽⁴⁰⁾ Jorge Cardoso, *Agiologio Lusitano*, 3 (Lisboa, 1666) 836.

⁽⁴¹⁾ Fr. Agostinho de Santa Maria, *Historia Tripartita*, 68.

grafo, publicamos o de Évora, sem excluir a relação dos milagres, em português.

Na *legenda grande*, temos a distinguir duas partes. A primeira vai até ao enterro dos mártires, no oratório ou casa pequena (42). A segunda conta-nos, antes de mais nada, que as comendadeiras de Santos foram viver naquele local e, por revelação divina, descobriram os corpos dos três santos e a historia escrita do seu martirio: *Et recipientes habitum dicti ordinis, reuelatione diuine horum martirum corpora ac passionem scriptam inuenerunt* <(13). Depois, dá-nos a noticia 'da construção, ali, do Mosteiro de Santos, para as ditas *donas* da Ordem Militar de S. Tiago, o qual acabado, tiraram as relíquias de sob a terra (*de loco inferiori sub terra*), para um sepulcro de pedra e bem ornamentado: *in mauseolo lapideo et decenter ornato sepulti sunt* (44).

Esta cerimonia, continua o hagiógrafo, realizou-se a 1 de Outubro (45). E fala-nos também dos milagres dos santos, assim como das indulgências concedidas aos seus romeiros, confessados e arrependidos dos pecados. Vinham muitos peregrinos descalços e eram grandes as maravilhas que se contavam: Os cegos viam, os surdos ouviam, os mudos falavam, curavam-se os leprosos e aleijados, os mortos voltavam à vida e os doentes de febres ficavam sãos, pondo devotadamente, ao pescoço, terra da sua sepultura (46).

'Quais as influências e pontos de contacto literário, entre as várias legendas dos três mártires? Chamemos *A* à legenda editada por Tamayo e pelos bolandistas, a qual, sem o aditamento posterior, podemos ler também no *Catalogus Codicum Hagiographorum Latinorum Bibliothecae Nationalis Parisiensis* (47) e, mais condensadamente, na edição sevilhana de 1528, do Breviário de

(42) Bibl. Públ. de Évora, cód. CV/1-23 d., n.º 2, fis. 1-7.

(43) *Ib.*, fl. 7.

(44) *Ibidem*.

(45) *Ibidem*. É preciso não confundir esta trasladação com a do tempo de D. João II, para o Mosteiro de Santos-o-Novo, em <1490, facto esse narrado por Rui de Pina, no cap. 42 da sua *Croniqua delrey Dom Joham II* (Coimbra, 1950) 108. Cfr. também Garcia de Resende, *Chronica... del Rey Dom Joam II* (Coimbra, 1798) 148 (cap. 112).

(46) Bibl. Públ. de Évora, cód. CV/1-23 d n.º 2, fl. 7-7v.

(47) 1 (Bruxelas, 1889) 352-353.

Évora (48). Demos a classificação de *B* ao texto editado por Flórez(49). Finalmente, chamemos *C* à *payxam dos sanctos mártires Veríssimo Maxima e Jullia*, do *Flos Sanctorum* de 1513 (50). E o facto de a pormos em terceiro lugar não significa, necessariamente, que a julgemos posterior a *B*-

Alguns pormenores de *B* faltam em *A*. Aquele texto conta-nos que, após o primeiro interrogatório, os mártires foram metidos na cadeia, onde passaram vários dias de fome, e de lá saíram para serem de novo interrogados, sofrendo vários suplícios e sendo arrastados pelas ruas e apedrejados pelo povo, até que, por fim, lhes cortaram a cabeça. Ora, em *A_f* nada lemos da cadeia, nem da fome, nem do arrastamento pelas ruas, nem da lapidação.

Além disso, em *A*, não consta que os três mártires se tenham apresentado no tribunal, por iniciativa própria. Em *B*, sucede o contrário: *se ultro diaboli ministris obtulerunt* (51).

Em compensação, está ausente de *B* qualquer referência clara ao facto de a perseguição se ter estendido a todo o mundo, a ponto de não haver lugar algum aonde ela não chegasse: *nec esset omnino in orbe angulus, in quo non verae religionis ardorem idolorum cultura niteretur exstinguere*¹ (52).

A respeito do conteúdo de *C*, podemos emitir a hipótese de ele estar na base de *B*, sendo este texto a sua abreviação. Simples hipótese, no entanto, porque *B* poderia também enraizar na *legenda grande* (embora estranhemos, nesse caso, a omissão dos nomes dos imperadores e do juiz Tarquino). E pomos de lado mais hipóteses, pois não é possível, por agora, traçar a árvore genealógica das várias narrativas, em torno de S. Veríssimo e suas irmãs.

(48) *Breviarium secundum consuetudinem sancte Elborensis ecclesie* (Sevilha, 1.52(8) fis. 378v.-379. Começa: *Cum per universas provincias ad romanum imperium pertinentes, paganorum iussione principum, christianitatis persecutio deseviret, tres Christo nostro martyres.....* Acaba: *Sed prius veneranda ad litus corpora, antequam naute reverterent pervenerunt. Este texto é mais breve do que o editado por Tamayo e outros.*

(49) H. Flórez, *España Sagrada*, 114 (Madrid, 1786) 3(97-398. São as lições dum *Breviário de Évora* (não diz a edição).

(50) *Ho tíos sanctorum em lingoajẽ portugués* (Lisboa, 1513) fis. 227v.

e ss.

(51) H. Flórez, *España Sagrada*, 14 (Madrid, 1786) 397.

(52) *Acta Sanctorum*, Outubro, 1 ('Antuérpia, 17'61) 28.

Há, no entanto, contactos substanciais entre Cea *legenda grande*, expressões de relativa extensão, quase idênticas:

Legenda grande

C

...4 et non erat ciuitas nec uilla nec locus aut angulus in mundo, ubi non persecutio acerbissima contra seruos Dei non insurgeret⁽⁵³⁾.

(Erat autem Vlixbona ciuitas regalis et fertilissima ac bonis omnibus temporalibus copiosa et in orbe terrarum inter ceteras ciuitates famosa, quam sicut Deus uoluit replere habundantia omnium fructuum et bonorum ita eam uoluit et dignatus est decorare et honorare reliquiis horum sanctorum martyrum. 'Fuerat enim hec ciuitas, post excidium troianorum[^] ab Vlixite condita et ex suo nomine et sue uxoris, iBona, nuncupata est Vlixbona, in quo loco, sicut storiographi dicunt, celum distinguitur a terra et maria distinguntur a terris, ut tradidit Ysidorus in libro ethimologiarum, in capitulo de duitatibus⁽⁵⁴⁾).

... no avia hy logar, nem ainda villa nem povoaçã ou aldea onde nõ...⁽⁵⁵⁾ cruel persecuçã contra os christãos⁽⁵⁶⁾.

Honde he de saber que, ñas partes e nos fiins da térra he htía muy nobre e antiigua çidade chamada Lixboa. Este nome ouve do edificador 'Ulixes e ella he de toda parte boa, a saber[^] que sua comarca e termos som muy cópridos de todas bodas cousas que som necessareas aa vida humana. E poré, assy como o senhor a quis guarnecer dos bees teporaes, nõ menos outrosy a quis guarnecer de sanctas reliquias e precioso thesouro⁽⁵⁷⁾).

Ao lado, porém, destes lugares paralelos, notamos bastantes diferenças. Por exemplo, o *Flos Sanctorum* de 1513 não diz que os santos eram romanos, nem se refere à sua viagem por mar, até Lisboa. Omite, como já dissemos, os nomes dos imperadores Diocleciano e Maximiano. Não traz que o juiz se chamava Tarquino. Nada consta das pedras marcadas, milagrosamente, pelo sangue dos mártires (a não ser que o fizesse na folha ou folhas mutiladas, o que nos parece menos provável, visto que tal maravilha andava

⁽⁵³⁾ Bibl. Públ. de Évora, cód. CV/ 1-23 d., n.º 2, fl. lv.

⁽⁵⁴⁾ *Ib.*, 2v.

⁽⁵⁵⁾ Falta uma palavra neste lugar.

^(B6) *Ho ños sanctorum em lingoajê portuguezs* (Lisboa, 1513) fl. 228.

^(B7) *Ib.*, fis. 227v.-228.

unida ao arrastamento pelas ruas e esse ponto da narrativa não foi truncado).

Além disso, descobrimos, em C, um pequeno pormenor ausente da *legenda grande*: o juiz, com receio das respostas dos mártires, manda-lhes perguntar à cadeia que decisão tomavam acerca de renegar a fé de Cristo (⁵⁸).

Em suma, não é lícito afirmar, com certeza, que Cea *legenda grande* derivem uma da outra (por desenvolvimento ou por compressão). É possível que provenham dum mesmo tronco, cada qual crescendo a seu modo.

Apesar das diferenças (por vezes notáveis) que separam as narrativas citadas, podemos descobrir, nelas, um denominador comum: Os três mártires eram irmãos carnis, foram postos no ecúleo e escarnificados com unhas de ferro e morreram à espada. Os seus corpos, atirados às águas, em frente de Lisboa, atados a grandes pedras, voltaram à praia, antes de ali chegarem os barqueiros que os tinham levado ao meio do rio.

Este último pormenor não o lemos no *Flos Sanctorum* de 1513, por estar mutilado. Porém, nada nos leva a crer que o hagiógrafo o tivesse omitido.

Este denominador comum (influenciado pela *paixão* do mártir S. Vicente) não chega para explicar, nem de longe, a gestação da *legenda grande*, mesmo juntando-lhe os dados particulares das narrativas que podemos classificar de *legendas pequenas*. O anónimo autor da *legenda grande* lançou mão doutras fontes (geralmente sob o signo do lugar comum).

Antes de mais nada, estamos na presença duma série de tópicos, fáceis de encontrar em várias *paixões* dos mártires.

Primeiro, um breve conspecto da expansão do cristianismo e dos edictos persecutórios de Diocleciano e Maximiano (⁵⁹), à maneira da *paixão* dos santos Vicente, Sabina e Cristeta/ (⁶⁰). Depois, a apresentação dos três mártires, de nobre família, perfeitos no corpo e na alma, modelos de todas as virtudes: «Erant enim satis speciosi, decentes, compositi, pulcherrimi in suis personis et eciam in moribus

(⁵⁸) Jbfl. 228v.

(⁵⁹) OBibl. Fúbl. de Évora, cód. CV/1-23 d., n.º 2, fl. *1H1V.

(⁶⁰) Ángel Fábrega Grau, *Pasionario Hispánico*, 2 (IMadrid-Barcelona, 1955) 358-359.

tantum erant honesti, modesti, humiles, afabiles, curiales quod ab ipsis eciam paganis, iudeis, gentilibus et cunctis gentibus, que Rome uiuebant, pernumium diligebantur et in honore habebantur et permaxime a Christianis et fidelibus, qui Rome tunc temporis uiuebant»⁽⁶¹⁾.

Tudo isto e o mais não passava duma simpática banalidade (C²). São pessoas tão vagamente perfeitas que nem parecem de carne e osso.

(Entretanto, a perseguição destruía a Cristandade. Uns estavam na cadeia. Outros padeciam tormentos monstruosos e morriam. Muitos fugiam e alguns ocultavam-se. E não faltava quem renegasse a fé e o nome de Cristo ⁽⁶³⁾).

Esta descrição, de traços carregados, constituía também um tópico hagiográfico bastante vulgar, com a respectiva falta de sobriedade, a ponto de já não impressionar ninguém ⁽⁶⁴⁾.

E é agora, neste fundo negro, que vemos sobressair a grandeza-épica de Veríssimo, (Máxima e Júlia. Resolvem apresentar-se ao juiz e proclamar, bem alto, a sua fé. Passava-se isto em Roma⁽⁶⁵⁾).

Em geral, o julgamento dos mártires durava pouco tempo.. Contudo, a morte imediata poria um ponto final à narrativa e os hagiógrafos teriam de calar-se. E como gostavam de comover a sensibilidade devota dos leitores, estes pseudo-historiadores começaram a *inventar* pormenores e delongas, em vez de deixar o mártir morrer de verdade. Por conseguinte, o anónimo autor da *legenda grande* arranja uma viagem dilatória, tanto mais que era necessário que os santos entregassem a alma a Deus em Lisboa, onde os seus corpos eram venerados. Surge, pois, o maravilhoso. À meia-noite,, aparece um anjo e manda aos três santos que partam para Lisboa, onde confortariam os cristãos e sofreriam martírio por Cristo.

Por sinal que, nas palavras do celeste mensageiro, descobrimos reminiscências de (S. Paulo, por exemplo na epístola aos filipenses (IV, 7): «(Beati serui Dei, pax Christi, que exsuperat omnem sensum, custodiat corda uestra et intelligentias uestras» ⁽⁶⁶⁾. E mais

⁽⁶¹⁾ Bibl. IFúbl. de Évora, cód. CV/il-23 d., n.º 2, fl. lv.

⁽⁶²⁾ H. Delehaye, *Les légendes hagiographiques* (Bruxelas, 19-27) 24-25.

⁽⁶⁵⁾ Bibl. Públ. de Évora, cód. CV/l-23 d., n.º 2, fl. 2.

⁽⁶⁴⁾ H. Delehaye, *Les légendes hagiographiques*, 223-226.

⁽⁶⁵⁾ Bibl. Públ. de Évora, cód. CV/1-23 d., n.º 2, fl. 2.

⁽⁶⁶⁾ *Ib.*, fl. 2-2v.

adiante, um eco da primeira epístola aos coríntios (VII, 20) : «ut in eadem uocatione, in qua uocati estis, fidei Christiane usque ad finem permaneatis» (67).

Conduziu-os Deus até Lisboa, com ventos propícios (68). E ao falar de Lisboa, fundada por Ulisses na extremidade do mundo, onde a terra acaba e o mar começa, o hagiógrafo cita as *Etimologias* de S. Isidoro de Sevilha (69). No entanto, em vão procuramos, no lugar citado, qualquer referência a Bona, mulher de Ulisses (70). Da simbiose dos dois nomes (*Ulisses* e *Bona*) viria a palavra Lisboa (*Ulixbona*).

Era a mania etimológica, ingénua e simples, de olhos postos na antiguidade clássica. E vamos encontrá-la noutros escritores. O cruzado inglês Osberno repete a mesma lenda da fundação de Lisboa por Ulisses: «Celum, terras, maria, distinguit a terris, eo quod ibi litus Hyspaniae finiat, et quod a circuitu ejus incipit Gallicus oceanus, et fons septentrionalis oceano Atlantico et occasu terminatio ibidem. Quo ab Ulixite opidum Ulyxibona conditum creditur» (71).

Arnulfo, outro cruzado da conquista de Lisboa, conta-nos o que viu e ouviu. E a respeito de Ulisses, apela para os historiadores sarracenos: «Qua civitas, sicut tradunt historiae Sarra oenorum, ab Ulixite post excidium Trojae condita, mirabili structura tam murorum quam turrium super montem humanis viribus insuperabilis, fundata est» (72).

Como se vê, o legendarista limitava-se a registar uma tradição espalhada entre cristãos e muçulmanos e registada mesmo nalguns apógrafos de A (73).

Que os santos, em Lisboa, ficaram alojados num lugar chamado *moçarauia* (74), na parte oriental da cidade, eis o que escapa ao lugar comum.

(67) *Ib.*, fl. 2v.

(68) *Ibidem*.

(69) *Ibidem*.

(70) *PL.*, 82, col. 535.

(71) *Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores*, 1 (Lisboa, 1856) 396.

(72) *Ib.*, 4*06.

(73) *Catalogus Codicum Hagiographorum Latinorum Bibliothecae Nationalis Parisiensis*, 1 (Bruxelas, 1889) 3(5 2).

(74) Bibi. Públ. de Évora, cód. CV/1-23 d., n.º 2, fl. 2v.

O drama vai movimentar-se, agora, graças à intervenção do juiz Tarquino. De manhã, os três mártires dirigem-se ao tribunal e increpam o juiz. Em estilo de narrativa épica, os heróis agigantam-se, num desafio à força do perseguidor: *O impiissime ac crudelissime iudex hominum...* (75). E começa o interrogatório clássico, com as respectivas discussões, promessas e ameaças (76) : Qual a vossa pátria e quem sois vós, que ousais resistir às ordens dos imperadores romanos? Qual é o vosso nome e por que não sacrificais aos deuses (77)?

Entre as promessas, surge uma bastante vulgar nas actas apócrifas dos mártires (o sumo-sacerdócio e belos casamentos): «Si meis monitis obtemperare uolueritis, te, o Uerissime, faciam principem omnium nostrorum sacerdotum qui sunt in hac ciuitate; has autem sorores tuas in coniugio nobiles ac uiris opulentis cum magnis diuicijs copulabo» (78).

Após o primeiro diálogo com Tarquino, recolheram à cadeia. E ali, apareceu-lhes de novo o anjo do Senhor, a confortá-los e a prometer-lhes o paraíso (79). Também isto era relativamente vulgar, neste género de literatura, pouco adstrito à verdade (80). Basta recordar o hino de Prudencio, em honra do mártir S. Vicente (81).

Três dias sem comer passaram os mártires na cadeia. O seu alimento era Cristo, a quem louvavam constantemente. E, como na paixão do mártir IS. Vicente (82), ao saírem da prisão para se apresentarem ao juiz, pareciam tão robustos como dantes.

Tarquino tratou-os benévolaemente, a princípio, por serem jovens e romanos. Quanto às respostas de S. Veríssimo, nada têm de original. Algumas frases são ecos mais ou menos retóricos da *Bíblia*: «Nostra conuersatio scias, o iudex, quod in celis est» (83). Ou então:

(75) *Jb.*_a il. 3v.

(76) H. Delehaye, *Les Passions des Martyrs* (Bruxelas, 1921) 254 e ss.

(77) Bibl. Públ. de Évora, cód. CV/1-23 d., n.º 2, fis. 3v.-4.

(78) *Ib.*_f fl. 4.

(79) *Ib.*_i fl. 4v.

(80) H. Delehaye, *Les Passions des Martyrs*, 295.

(81) Prudencio, *Peristephanon Liber*, V, w. 285-304.

(82) Ángel Pá'brega Grau, *Pasionario Hispánico*, 2 (Madrid-Barcelona, 1955) <189-190*.

(83) Bibl. Públ. de Évora, cód. CV/1-23 d., n.º 2, fl. 4v. Cf. epístola de S. Paulo aos filipenses, III, 20.

«Iuuentus enim nostra, quam nunc in carne habemus, est sicut fenum quod cito crematur et sicut flos agri qui cito floret et subito desicatur»⁽⁸⁴⁾.

Um pouco adiante, S. Veríssimo pronuncia palavras que lembram as de S. Inácio de Antioquia, na sua epístola aos romanos⁽⁸⁵⁾, embora sejam diferentes: «in hijs penis, quibus nos te uelle affligere minaris, ita delectabimur sicut qui bona audit aut qui uidet quod diu desiderauit aut qui multos thesauros inuenit; non enim potest triticum in horreum poni, nisi prius eius spica fuerit fortiter conculcata et in paleas redacta. Sic anime nostre non possunt paradisum intrare, cum palma martirij, nisi diligenter feceris corpora nostra, pro Dei amore, a tuis satellitibus attractari»⁽⁸⁶⁾.

Será necessário chamar a atenção do leitor para o exagero dos tormentos? Ossos quebrados, membros fora das juntas, carnes dilaceradas, a ponto de se verem as vísceras, tudo inútil! Choravam as crianças, choravam as mulheres, choravam todos os cristãos. Até choravam os próprios algozes. Só os mártires pareciam nada sentir⁽⁸⁷⁾. íMais tormentos, maiores dores, a ponto de os pagãos terem pena dos mártires e pedirem misericórdia a Tarquino. E os heróis não aposta taram⁽⁸⁸⁾.

Tanto esta intumescência imaginosa, na descrição dos suplícios, como a insensibilidade atribuída aos três santos andavam longe do vigor simples das actas autênticas de outros mártires <⁽⁸⁹⁾.

De novo os mártires entraram na cadeia e, assim, pôde o hagiógrafo referir mais tormentos e forjar lances e frases cheios de dramatismo, até cansar. Ligados a três cavalos, os corpos nus dos santos foram arrastados pelas ruas e praças, com um pregoeiro à frente. E cada gota de sangue marcava as pedras com uma cruz vermelha, *conforme é sabido de todos os que, nesta cidade de Lisboa, encontraram várias destas pedras*⁽⁹⁰⁾.

Neste ponto, algo da tradição local influenciou o hagiógrafo,

⁽⁸⁴⁾ Bibl. Públ. de Évora, cód. GV/il-23 d., n.º 2, fl. 4v. Js., XL, 6-7.

⁽⁸⁵⁾ *PG.*, 5, col. 689.

⁽⁸⁶⁾ Bibl. Públ. de Évora, cód. CV/il-23 d., n.º 2, fis. 4v.-5.

⁽⁸⁷⁾ *lb.*, fl. 5.

⁽⁸⁸⁾ *lb.*, fl. 5-5v.

⁽⁸⁹⁾ H. Delehaye, *Les Passions des Martyrs*, 219-221, 288-289.

⁽⁹⁰⁾ Bibl. Públ. de Évora, cód. OV/1-23 d., n.º 2, fis. 5v.-6.

tradição essa que havia de durar longos séculos. Com efeito, no séc. XVI, <D. Rodrigo da Cunha regista o facto e declara ter algumas dessas pedras em seu poder ⁽⁹¹⁾. E outros escritores fazem o mesma ⁽⁹²⁾.

Voltemos, porém, à *legenda grande*. O juiz mandou que os lapidassem. «Corria sangue da cabeça de cada um deles, corria da cara, corria do ventre, corria de todas as partes do corpo». Finalmente, Tarquino ordenou que lhes cortassem a cabeça ⁽⁹³⁾.

Como noutros casos, suplicam algum tempo para rezar e escutam uma voz celeste, a dizer que as suas preces foram ouvidas ⁽⁹⁴⁾. E não podemos deixar de ver, nesta passagem, um pouco de propaganda do santuário, onde jaziam os mártires, com graças certas para todos os seus devotos, *sobretudo aqueles que acenderem as nossas lâmpadas ou visitarem piamente as nossas sepulturas*.

Os seus corpos foram atirados ao *mar*, entre Lisboa e Almada ⁽⁹⁵⁾, atados a grandes pedras. Ó maravilha! Quando os executores desta impiedade voltaram, a toda a pressa, para terra e chegaram à praia, já lá estavam os corpos sagrados! Veio venerá-los todo o povo, ficando sepultados num pequeno oratório, junto da mesma praia. ⁽⁹⁶⁾.

'Prudêncio narra um facto análogo, no seu hino em louvor de S. Vicente ⁽⁹⁷⁾, assim como a *Passio sancti ac beatissimi Vincenti levite*, em prosa, do passionário hispânico ⁽⁹⁸⁾.

Não nos admiremos. A originalidade é bastante rara e a hagiografia mais ou menos apócrifa vivia repetindo lugares comuns, copiava-se a si mesma, numa espécie de autofagia literária.

⁽⁹¹⁾ D. IRodrigo da Cunha, *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, (Lisboa, 1642), fl. 41.

⁽⁹²⁾ Cf. Júlio de Castilho, *A Ribeira de Lisboa*, 5 (Lisboa, d1944) 14-15.

⁽⁹³⁾ (Bibl. (Fúbl. de Évora, cód. CV/1-23 d., n.º 2, fl. »6.

⁽⁹⁴⁾ *Ib.*, fl. -6-6v. Cf. H. iDelehaye, *Les Passions des Martyrs*, '27*2-273, 296-298.

⁽⁹⁵⁾ É curioso notar que o texto português da <*Crónica Geral de Espanha de 1344*, 2 (Lisboa, 1954) 67, traz uma frase semelhante: «E antre Lixboa e Almadaã vay huü braço de mar que entra en Tejo».

⁽⁹⁶⁾ Bibl. Públ. de Évora, cód. CIV/1-23 d., n.º 2, fl. 6v.

⁽⁹⁷⁾ Prudêncio, *Peristephanon Liber*, V, vv. 489-504.

⁽⁹⁸⁾ Ángel Fábrega Grau, *Pasionario Hispánico*, ,2 (Madrid-Barcelona, 1955) 195.

Quem escreveu a primeira parte da *legenda grande* ou, pelo menos, quem fez esta refundição numa história porventura escrita anteriormente?

Talvez fosse monge ou clérigo, por causa das reminiscências bíblicas das suas páginas e dos conhecimentos que revela do estilo hagiográfico. No entanto, emprega uma expressão menos exacta, ao referir-se a S. Pedro e a S. Paulo, como detentores do primado, em plano de igualdade: «uenerunt, Petrus et Paulus qui, inter ceteros apostolos, primatum clauium, tam scientie quam potentie, obtinebant» (").

Os seus conhecimentos históricos parecem-nos um pouco vagos, pois afirma que Diocleciano e Maximiano governaram logo depois de Nero (100). Além disso, emprega um latim aportuguesado, aqui e além: *In ueritate, diebus istis satis considerauit in factis uestris* (101). E ainda: *pro parte mea et parte earum sororum mearum* (102).

A sua qualidade de português torna-se mais segura, se nos fixarmos no seguinte: Este anónimo autor conhece a topografia da cidade, fala-nos dum local, chamado *moçarauia* (talvez por lá terem vivido os moçárabes), o qual lugar estava, *antigamente*, nos subúrbios, do lado oriental (103). -Diz-nos, também, que os mártires foram arrastados por cavalos, desde o sítio onde *está* (e não *estava*) o palácio do rei (104), e refere-se ao *mar*, entre Lisboa e o castelo de Almada (105). Finalmente, regista a tradição lisboeta das pedras marcadas com uma cruz e afirma que, *nesta* cidade de Lisboa, as põem ao pescoço dos enfermos e curam-se: «ut omnes in hac duitate ulixbonensi nouenmt qui plures de hijs lapidibus inuenerunt, quos eciam ad colla infirmorum ponunt et continuo recipiunt sanitatem» (106).

Quando foram escritas estas páginas, tais quais elas chegaram aos nossos dias? Não nos referimos à cópia, da segunda metade do

<"> Bibl. Públ. de Évora, c5d. CV/1-23 d., n.º 2, fl. 1.

(100) *Ibidem*.

<101> *Ib.*, fl. 4v.

(102) *Ibidem*.

(103) *Ib.*, fl. 2v.

(104*) *Ib.*, fl. 5v.

(105) *Ib.*, fl. 6v.

(106) *Ib.*, fl. 6.

séc. XV, com erros, aqui e além, alguns deles impossíveis de atribuir ao autor. Referimo-nos ao original.

Devem ser duma época posterior ao séc. XIII, pois o anjo, num ingénuo anacronismo, nomeia já o reino de Portugal: *uos ituros in Hispaniam, ad regnum Portugalie* ⁽¹⁰⁷⁾. Este anacronismo, no entanto, talvez fosse propositado, preferindo o hagiógrafo *Portugalia* a *Lusitania*, por a primeira palavra estar mais ao alcance dos seus contemporâneos, nados e criados após o começo da primeira dinastia.

(Além disso, como atrás notámos, refere-se ao palácio real como a coisa conhecida e actual: *a loco in quo palacium regis residet* ⁽¹⁰⁸⁾).

Mas o melhor é passar ao estudo da segunda parte, a fim de esclarecermos certos problemas relativos à primeira.

Será ela do mesmo autor? A segunda parte diz que não, implicitamente, visto declarar que, por revelação divina, se descobriram os corpos dos mártires e a sua paixão escrita ⁽¹⁰⁹⁾. Esta paixão identifica-se, pois, com a *legenda grande*. Seria ridículo falar duma legenda antiga, milagrosamente achada, e escrever outra diferente.

Teríamos, assim, uma paixão antiga e descoberta por milagre, à qual se juntaria, mais tarde, um aditamento (ou segunda parte), com a história do encontro das relíquias e da sua primeira trasladação para o sarcófago de pedra, etc.

Porém, podemos emitir outra hipótese: a mistificação. O autor da segunda parte escreveu também a primeira, à base de dados antigos e díspares. E para lhe dar maior autoridade, declarou ter ela sido encontrada, com os corpos dos mártires, por revelação de Deus. (Não seria caso único na história da hagiografia. Embora com dúvidas, é para esta segunda hipótese que nos inclinamos.

Neste caso, a *legenda grande* (tanto a primeira, como a segunda parte) dataria, talvez, do séc. XIV ou começos do séc. XV. Porquê?

Em primeiro lugar, porque se refere já às religiosas de Santos-o-Velho, cuja comendadeira mais antiga que se conhece, de nome D. Helena, vivia em 1233 ⁽¹¹⁰⁾. Porém, refere-se de tal modo à

⁽¹⁰⁷⁾ *Ib.*, fl. 2v.

⁽¹⁰⁸⁾ *ib.*, fl. 5v.

⁽¹⁰⁹⁾ *Ib.*, fl. 7.

⁽¹¹⁰⁾ (Fr. Francisco Brandão, *Monarchia Lusytana*, 5 (Lisboa, >1650) fl. 288-288v, onde transcreve um documento do cartório de Santos, assinado

entrada dessas religiosas para ISantos-o-Velho que deixa, em nós, a impressão de mencionar um facto já bastante remoto. Com efeito, não diz o nome de qualquer comendadeira, nem de pessoa alguma que tivesse assistido à trasladação das relíquias, relatando tudo em termos vagos. Além disso, acrescenta que esta trasladação se fez a 1 de Outubro, mas não declara o ano. Trata-se, pois, dum narrador que não foi contemporâneo de tais acontecimentos, pois caso contrário teria assinalado o ano e não se esqueceria de deixar algum nome para a posteridade, sobretudo o nome da religiosa ou religiosas a quem se atribuía a revelação e o nome da comendadeira que meteu ombros 'à construção do novo e solene sepulcro.

Em resumo, foi muito depois dos meados do séc. XIQPI que nasceram estas páginas, conforme nos parece, pelo menos quanto à segunda parte.

Além disso, notamos que esta segunda parte não fala da trasladação das relíquias dos mártires para íSantos-o-Novo, em 1490. Tais páginas >(e com mais razão as da primeira parte) foram, por conseguinte, escritas antes dessa data.

Finalmente, temos a lista dos milagres, em português. Era costume compor antes a legenda do santo, para edificação dos romeiros e auxílio dos pregadores. fSó depois, no mesmo códice ou em manuscrito à parte, se iam escriturando os milagres. Ora, a primeira pessoa miraculada, de que falam estas páginas, chegou a Santos numa sexta-feira, a três de Junho da Era de 1450. Era cristã ? !Não, porque tal dia do mês de Junho não caiu numa sexta-feira. Era de César ? Decerto. Por conseguinte, ano 1412 da Era de Cristo.

O *milagre*, chamemos-lhe assim, aconteceu no dia seguinte e o narrador diz que IMaria Eourenço, a tal mulher miraculada, ainda vivia: *e a dicta Maria Lourenço ficou e vaay saã do dicto spiritu* (ni). Não nos enganaremos muito, se afirmarmos que o *milagre* foi escrito

por D. Helena. Fr. Luís dos Anjos, *Jardim de Portugal*, 208-212, escreve que foi iD. Sancha a primeira comendadeira de Santos e que a ela foi feita a revelação das relíquias, no fim do reinado de D. Afonso III (f 12'7«9) ou começos do reinado de seu filho ID. Dinis. Porém, não aponta documento algum referente a 'D. Sancha e remete o leitor para Duarte Nunes do Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, onde encontramos tudo, menos a revelação das relíquias dos três mártires, o que 'é estranho. Cfr. Duarte Nunes do Leão, op. cif., (Lisboa, 1785), 168, 193-194.

(in) Bibl. (Públ. de Évora, cód. CiV/1-2]3 d., n.º 2, fl. 7v.

na primeira metade de quatrocentos. E neste caso, a *legenda grande* deve ser anterior a esta data. Por isso, dizemos nós *final do séc. XIV ou começos do séc. XV*, atendendo às razões convergentes que fomos apontando.

Ponhamos de parte estes milagres ⁽¹¹²⁾, em caracteres góticos diferentes, mas ainda do séc. XV- Interessam bastante, como outros *Livros de Milagres* ⁽¹¹³⁾, ao folclore religioso da nossa Idade Média e, pelo seu *concretismo*, no modo de falar, aproximam-se imenso da linguagem do povo, pois eram os romeiros que contavam essas pequenas narrativas ao capelão do santuário ou, talvez, à sacristã do mosteiro.

Chamamos unicamente a atenção do leitor para o milagre 10.º, onde nos dizem que Estêvão Carrasco e os seus companheiros, apanhados pela tempestade, no meio do mar, eram *ja meefestados, cuy dando que fossem mortos*. Isto é, tinham-se confessado uns aos outros ⁽¹¹⁴⁾, pois nada indica que eles levassem capelão consigo e, à falta de padre, era prática vulgar, na Idade Média, proceder a essa confissão não sacramental, em caso de urgência. E não é este o único caso registado entre nós.

Fr. Agostinho de S. Maria, como já dissemos, traduziu a *legenda grande* em português ⁽¹¹⁵⁾ e modificou a linguagem dos milagres ⁽¹¹⁶⁾, excepto no último ⁽¹¹⁷⁾. Por isso os fazemos imprimir agora integralmente, substituindo o *i* e o *u* por *j* e *v*, quando têm o seu valor. A pontuação é da nossa responsabilidade.

Quanto ao latim, não nos consta ter sido publicado alguma vez, em letra de forma.

Todas as correcções vão apontadas em nota. Mantemos certas formas medievais de ortografia, por exemplo *Yspania* em lugar de *Hispania*, e em vez de *ae* ou *oe* (*scientie*, por *scientiae*), etc. E se acrescentamos alguma letra ou letras, colocamo-las entre colchetes.

⁽¹¹²⁾ *Jb.*, fis. 7v.-11.

⁽¹¹³⁾ ;Mário Martins, *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média* (Lisboa, 1957) 161-195.

⁽¹¹⁴⁾ i |Cf. Viterbo, *Elucidário*, 2 (Lisboa, 1865) 75, 85 (*manifestar; meem-festar*).

(116) i iFr. Agostinho de S. Maria, *Historia Tripartita*, 2º9-68.

⁽¹¹⁶⁾ *lb.*, 76-94.

⁽¹¹⁷⁾ 7b., 93-94.

Finalmente, conservamos sempre o *i* e o *u* (*iuuamen*, em vez de *juvamen*) e modificamos a pontuação, embora procuremos salvar, na medida do possível, a divisão um tanto arbitrária dalguns períodos.

O cód. OV/1-23 d., da Biblioteca Pública de Évora, onde se encontra a *legenda grande* e os milagres dos três santos mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, está encadernado em coiro preto e tem as dimensões de 200 X 140 mm.

Encerra, antes de mais nada, 4 folhas de papel por numerar e em branco. Seguem 3 folhas, também de papel, mas numeradas, das quais as duas primeiras contêm um hino em latim, com o resumo substancial da *legenda grande*, em letra da segunda metade de quinhentos.

Transcrito doutro manuscrito, por Fr. Agostinho de S. Maria, este hino saiu impresso na *História Tripartita* ⁽¹¹⁸⁾, no primeiro quartel de setecentos. Ainda assim, vale a pena colocá-lo de novo ao alcance do leitor:

*Jn laudem sanctorum Verissimi, Maximae et Juliae,
Christi martyrum, apud Olissiponem*

Hymnus

•Venit laeta dies sacra Verissimo
nunc, Christi famulo, sanctaeque ⁽¹¹⁹⁾ Maximae
germanae et celebris nomine Juliae,
quos Romae genuit parens.

Jn noctis medio, comperit angelus
orantes dominum; tunc ait: hactenus
vestras, nunc placitum est ecclesiae ferat
per vos lusiadum genus.

Tunc desiderijs quippe fidelibus,
audent per medios ire satellites;
ut firment alios jn fide feruida,
venerunt ad Vlixbonam.

⁽¹¹⁸⁾ *Ib.*, 70-72.

(no) iNo _{ms} *sanctaeque*, o que seria admissível, a concordar com *dies*. No entanto, parece-nos mais natural que se trate dum lapso do copista, por *sane-taeque*, a concordar com *Maximae*. Por isso emendamos esta palavra tanto mais que Fr. Agostinho de S. Maria, *Historia Tripartita*, 70, escreve *sanctaeque*.

Intrantes etiam perfida littora,
saeuos carnifices non fugiunt; IDEi
confortant famulos in lege patria,
pro qua non metuunt mori.

Tenditque ecculeos et parat vngulas
nudorum, ut laceret viscera martyrum;
nudari meritis cogitat impius
indutos patientia.

Nunquam sup[er] licio, munere nec prece
Tarquinus potuit vincere pectora
quae fidunt domino, quem timet angelus
et cordis placet hostia.

Tracti sunt laqueis saxa per aspera,
exculpsit fluidus sanguis imaginem,
non vi, nec manibus, sed cruce fulgida
testantur lapides fidem.

Cuncti sacrilegas injiciunt manus,
pars crines laniat, pars pede comprimit,
insontes lapidat fortior impius,
nec sic sat fuit impio.

Constantes jugulat carnificis manus
qua fratris comites, iMaxima, Julia,
fiunt ad superos, praecipitat mari
artus exanimis rudis.

Ad littus redeunt ac ibi conditi;
post multas hiemes, sanctus apostolus
suscepitque domo, tutor Iberiae,
cujus nunc famulae tenent.

Tranquillum volitant per mare nauitae,
stultis mens redijt, claudus et ambulat,
sanctorum precibus corpora demones
linquunt, caecus et aspicit.

Omnes ecclesiae lucida sidera,
morbis praesidium, lusiadum decus,
sanctorum celebrent gaudia martyrum,
aeterno duce numine.

Te, summa deitas, vnaque poscimu9
 vt culpas abluas, noxia subtrahas,
 des pacem famulis, nos quoque gloriam,
 per cuncta tibi saecula. lAmen (120).

A terceira folha de papel, numerada, está em branco, Depois dela, vêm 16 folhas de pergaminho. As primeiras 11 encerram a vida e milagres dos mártires. As últimas (li2^a a 16) ficaram em branco, embora regradas, certamente à espera de novos *milagres*, para ajuntar aos antecedentes. E, como dissemos atrás, tanto a *legenda grande* como os milagres foram escritos em caracteres góticos do séc. XV, embora o escriba da *legenda grande* não seja o mesmo dos milagres, pois a letra é diferente e um pouco mais tardia.

Em apêndice, transcreveremos a *vida e payxam dos sanctos mártires Veríssimo, Maxima e Jullia hirmãos naturaes da çidade de Lixboa*, do *Flos Sanctorum de 1513* (121). Como deste *Flos Sanctorum* só nos ficou um exemplar único, este adquire, na prática, o valor dum manuscrito. Além disso, a transcrição de tais páginas permite um estudo comparativo das várias legendas em torno de S. (Veríssimo, 'S. Máxima e IS. Júlia.

MÁRIO MARTINS, S. J.

[Passio Sanctorum Verissimi, Maximae et Jnliae]

- Fl. 1 Post pas[s]ionem Christi, qui mortuus est propter peccata nostra et lauit mos a peccatis nostris in sanguine suo, pos[t]quam eciam ipse Christus apostolis, ante ascensionem, dixit *Euntes in mundum uniuersum, predicare euangelium omni creature, qui crediderit et baptizatus luerit saluus erit, qui uero*

(120) , QBibl. Piíbl. de Évora, cód. CV/il-23 d., n.º 1, fis. 1-2v. Fr. Agostinho de S. Maria, op. cit., 70-72, transcreveu este hiño, como já notarnos, mas doutro manuscrito e com algumas variantes de menor importância. Uma dessas variantes implica, no entanto, uma profunda e oposta variação de sentido: *per lida litor a*, em vez de *per lida lit tora*, como vem no manuscrito de Évora.

(121) , *Ho flos sanctorum em iingoajë português* (Lisboa, >1613) fis. 227v. e ss.

non crediderit condempnabitur O), postquam eciam spiritus sanctus super apostolos descendit et eos diuersis carismatum donis illuminauit, apostoli duodecim et septuaginta duo discipuli per mundum fuerunt totum dispersi, euangelizantes Christi nostri Dei fidem multa miracula facientes.

Quorum apostolorum quidam Romam, que illis temporibus totum mundum subiugabat et sub suo dominio et mandatis uiuebat, uenerunt et uerbum Dei ac Christi fidem ibidem seminauerunt et multos ad Christianam fidem de infidelibus reduxerunt; et fuerunt primi apostoli, qui Romam uenerunt, Petrus et Paulus qui, inter ceteros apostolos, primatum clauium, tam scientie quam potentie obtinebant.

Nam, quarto anno iCla[u]dij imperatoris, qui in toto mundo dominabatur, Petrus Romam ap[p] licuit et ibidem annis XXV sedit, multos ex romanis infidelibus, tam uiris quam mulieribus, ad fidem Christi reducens.

Post igitur Claudium, regnauit Nero, sub quo passus est sanctus Petrus martirium. Crescebat tamen religio et fides Christiana cotidie, et uerbum Dei ubique seminabatur.

Post mortem Neronis, uidentes populi romani quod ciuitas romana longe lateque dominabatur nec poterat per unum imperatorem, quantum ad iustitiam et ad alia que necessaria erant regnis, duitatibus et uillis, prouidere nec ipsa gubernare, duos propterea fecerunt imperatores, unum scilicet qui dominaretur in oriente et alterum qui dominaretur in occidente, quorum unus fuit IDiocle-cianus, qui imperabat in oriente, et Maximianus qui regnauit in occidente.

Et mandauerunt eis ac dixerunt: Quia quedam nunc secta ⁽²⁾ noua, quidam cultus Christianus, insurrexit in multis ciuitatibus et uillis, que deos nostros tollit, holoc[a]usta nostra destruit, ritus nostros confundit, propterea mandamus uobis quod, ubicunque inueniretis huius uie et fidei Christiane uiros ac mulieres, aut penitus de terra delete aut uinotos et ligatos Romam mittite ⁽³⁾.

Quod libenter annuerunt et ad sua imperia recesserunt et, quam cito monarchia[m] mundi obtinuerunt, tam cito iudices et satil[l]ites ⁽⁴⁾ ac tortores per mundum miserunt, ut omnem hominem ac mulierem / adorare cogere p[er] v[er]rent deos romanos et ydola sua surda et muta, lignea et lapidea, et yllis ydoHs immolarent. Et quicunque hoc facere renuerent, statim ad mortem condempnarent et diuersis sup[p]plicijs interierent et totaliter nomen Christi de mundo abolerent ⁽⁵⁾.

Et tanta fuit, tunc, persecutio Christianorum, propter istud mandatum, quod una die, uno et eodem loco, decem milia martirum, hominum et mulierum, interfecti sunt pro Christo, ut dicit Ilheronimus, et non erat ciuitas nec uilla nec locus aut angulus in mundo, ubi non persecutio acerbissima contra seruos Dei non insurgeret; et erat aliquando tam forte et tam crudele ⁽⁶⁾ et cum tot

O> Mc., XVH, 15-16. O sublinhado é nosso.

(2). No ms., *septa*.

(3) No ms., *mitere*.

(4) O mesmo que *satellites*. Cfr. Du Cange, *Glossarium*, em *S at illis e*

Satelles.

(5) Preferimos não tocar neste período, apesar da sua confusão gramatical.

(6) No ms., *aliquem tam tortis et tam crudelis*.

supplicijs quod multi Christianarum, propter timorem mortis et tormentorum, nomen Christi negabant et ydola adorabant ac eis sacrificabant.

iSed in ipso tempore, uigente sic hac rabie persecutionis per totum mundum et maxime Rome, erant Rome tres sanctissimi fratres germani, ex eodem patre et eadem matre, scilicet due sancte femine, Maxima (7) et Julia, et unus uir, scilicet sanctus Uerissimus, ueri ac catholici et perfecti christiani, oc[c]ulti, tamen, quantum ad paganos, quantum autem ad Christianos habebantur in magna reuerentia, nam ipsi erant de nobili genere procreati, quia progenies eorum erat de genere regum.

Erant enim satis speciosi, decentes, compositi, pulcherrimi in suis personis, et eciam in moribus tantum erant honesti, modesti, humiles, afabiles, curiales quod ab ipsis eciam paganis, iudeis, gentilibus et cunctis gentibus, que Rome uiuebant, permium diligebantur et in honore habebantur et permaxime a Christianis et fidelibus, qui Rome tunc temporis uiuebant, quia ipsi discurrebant per domos Christianorum et eos in fide Christi instruebant, confortabant et animabant, ibant eciam ad carceres, ubi tenebantur in custodia pro fide Christi martirizandi, et eis ministrabant ac de neces[s]arijs prouidebant et in fide Christi confortabant, dicentes eis:

iFratres, breuis est pugna uestra, magna erit uictoria; labor est pro Christo paruus, sed maxima erit corona; per multas tribulationes oportet uos intrare regnum Dei. Viriliter, igitur, agite, confortetur cor uestrum in domino et in potencia uirtutis eius et pro fide qua statis perseuerate et ne deficiatis in tribulationibus uestris, quia qui perseuerauerit usque in finem hic saluus erit.

- Fl. 2 Causa est, ergo, [h]orum uerborum / sanctorum et subsidiorum que sancti martyres ab ipsis recipiebant in urbe romana, sanctus 'Uerissimus uocabatur ab omnibus sanctis, qui Rome erant tunc, pater, et beatissime sorores Maxima et Julia uncabantur matres; quando aliquis Christianorum ex hac luce transibat et sepultura carebat, statim Uerissimus, Maxima et Julia, operibus pietatis intenti, occulte aut publice, prout poterant, de die uel de nocte eum mortuum sépulture tradebant.

Dum, igitur, Rome hec per sanctos Dei fierent, contigit Dioclecianum imperatorem Romam intrare et statim, minis ac sup[p]licijs et suis preceptis nephandis, agebat cunctos uiros ac mulieres exhibere honorem ac culturam creaturis >(8) li[g]neis ac lapideis et ceteris huiusmodi uilibus; et nomen Christi satagebant de mundo penitus abolere, quapropter ueri adoratores Christi Dei nostri diuersis sup[p]licijs crudeliter omni die affligebantur.

Alij erant in uinculis et carceribus positi, alij uerberibus distenti, alij in eculeo eleuati, alij suspensi, alij unguis ferreis dilacerati, alij in ore gladij interfecti. Alij erant tantis et tam diuersis sup[p]licijs angustati quod multi Christianorum, nondum in fide Christi roborati, de urbe romana fugiebant. Alij se oc[c]ultabant. Alij nomen ;Christi negabant.

IDum autem hec fierent et agerentur, sanctissimi fratres carnales Uerissimus, scilicet, IMaxima et Ilulia, zelantes zelum Dei et fidei Christiane, deliberato

(7) No ms., *Maximam*.

(8) (No ms., *vinha creatur*, emendado posteriormente para *creaturis**)

super ⁽⁹⁾ hoc consilio dixerunt ad inuicem: Quid moramur, quid tardamus ⁽¹⁰⁾? Nos qui a sanctis omnibus, qui sunt Romo, uocamur pater et matres, nos qui alijs deberemus exemplum prebere tardius uenimus ad martirium, pro Christi fide; nos, qui deberemus esse primi, sumus ultimi. Eamus, igitur, nos et offeramus nos intrepide coram hoc crudelissimo et sacrilego iudice et profiteamur igitur nomen Christi publice, cuius serui sumus, et fidem Christi quam tenemus.

!Dixerun[t]que sancte Maxima et)Julia beato Uerissimo: tu, licet secundum carnem noster germanus sis, verumptamen, secundum spiritum et rectam rationem, noster dominus, noster pater, noster doctor es; age, dispone, prout spiritus sanctus in te ordinauerit, parate enim sumus tecum, pro Christi nostri Dei amore, mortem, uincola et carceres subire.

Dum, igitur, altera die sancti Dei conspectui principis se disponderent presentare et Christi nomen confiteri C¹¹⁾ publice, ecce angelus damini hora noctis media, ipsis existentibus in oratione, apparuit eis cum magno lumine, dicens eis: Beati serui Dei, pax Christi, que ex[s]uperat omnem sensum, custodiat cor/da uestra et intelligentias uestras. Deus enim uerus ;Christus Ihesus, filius Dei benedictus, mittit me ad uos dicere uobis ut in uocatione, in qua uocati estis, fidei Christiane usque ad finem permaneat; et orationes uestre et desideria sancta, que habetis ad paciendum martirium pro eius fide et nomine, placuerunt ei ualde. Verumptamen, quia Deus ipse omnipotens ab inicio seculi disposuit per uos multas animas lucrari sibi et fidei sue, scitote de eius uoluntate uos ituros in Hispaniam, ad regnum iPortugalie, in quamdam ciuitatem que Vlixbona uocatur, ibique uos multas animas Deo lucratos ⁽¹²⁾, quia nouella plantatio fidei adhuc in partibus illis nunc inualescit et ideo, ut Christi seruos ibidem in fide instruatis, confortetis ac roboretis, sicut hactenus ⁽¹³⁾ (Rome fecistis, Christus Ihesus misit me ad uos, dicere uobis. Ibidem que uos multa supplicia pro eius nomine ⁽¹⁴⁾ et fide passuros, usque ad mortem, certissime sciatis et tandem, cum angelis et sanctis, percipietis coronam glorie eterne.

F. 2v;

Hijs ⁽¹⁵⁾ dictis, angelus domini disparuit. Et ipsi, mutuo leti permaxime de huiusmodi reuelatione angelica, relictis parentibus, domibus, agris ceterisque huiusmodi bonis, iuxta preceptum euangelicum, nam pater et mater eorum iam defuncti erant, uidentes eciam Rome crudelitatem tormentorum, quam in seruos Christi pessimi tyranni exercebant ⁽¹⁶⁾, et prodesse ibidem pro Christi fide pro tunc non poterant, ñaues quasdam, que tunc in portu romano erant et Yspaniam uolebant uenire, in habitu occulto ascenderunt et, domino duce ac prospero uentu flante, in Yspaniam et ciuitatem Vlixbonam applicuerunt.

Erat autem 'Vlixbona ciuitas regalis et fertilissima ac bonis omnibus tem-

⁽⁹⁾ No ms., *super*, mais tarde emendado ineptamente para *semper*.

⁽¹⁰⁾ No ms., *tradamus*, emendado posteriormente para *tardamus*.

C¹¹⁾ No ms., *confitere*.

⁽¹²⁾ No ms., *lucraturas*.

⁽¹³⁾ No ms., *attenus*.

⁽¹⁴⁾ No ms., *nomine*.

⁽¹⁵⁾ !Aqui e noutros lugares, deixamos *hijis*, em vez de *his*.

⁽¹⁶⁾ No ms., *exercebantur*.

poralibus copiosa et in orbe terrarum inter ceteras ciuitates famosa, quam, sicut 'Deus uoluit replere habundantia (17) omnium fructuum et bonorum, ita eam uoluit et dignatus est decorare et honorare reliquiis horum sanctorum martyrum.

Fuerat enim hec ciuitas, post excidium troianorum, ab Vlixē condita et ex suo nomine et sue uxoris, CBona, nuncupata est Vlixbona, in quo loco, eicut storiographi (18) dicunt, celum distinguitur a terra et maria distinguntur a terris, ut tradidit Ysidorus in 'libro ethimologiarum (19), in capitulo de ciui[tati]bus (20).

Jamque illis temporibus, quibus sancti Dei ad hanc ciuitatem uenerunt, mandatum erat ne quis, publice aut oc[e]ulte nomen Christi confiteretur et ut omnis homo siue mulier ydola adoraret, que iRome uenerantur. Jamque pro fide Christi multi Christiani in uinculis tenebantur, multi occidebantur, FI. 3 multi diuersis sup[p]licijs affligebantur. Sed cum serui Dei, scilicet Uerissimus, Maxima et Iulia / iVlixbonam ap[p] licuerunt, confestim alij Christiani occulti (21) de ciuitate, spiritu [s] sancti (22) nutu cognoscentes eos esse Christianos, ad quamdam domum, que oratorium Christianorum erat, in 'loco qui tunc erat in suburbio (23) duitatis, ad partes orientales, qui uocatur moçarauia, ipsos conduxerunt ac eos locarunt et de necessarijs prouiderunt.

•Sancti autem Dei, Uerissimus, Maxima et Iulia, omnes tres pariter congregati, postquam ab oratione surgebant statim per ciuitatem, ad loca ubi Christianos sciebant, ibant ipsosque consolabantur, docebant et animabant. Alios quoque, quos uidebant supplicia sua diuersa sustinere pro Christi nomine, in fide eius roborabant et ex parte sua gratiam paradisi promittebant. Alios eciam, pro Christi nomine occisos, sepeliebant et omnibus operibus pietatis intendebant, dicentes se ex parte Dei omnipotentis ad hoc missos ad partes istas, ut huius [modi] intenderent operibus pietatis, quapropter pernium diligebantur a Christianis et ut patres habebantur.

iCum autem talia agerent et omnibus bonis operibus habundarent, ne sub modio lateret eorum candelabrum, sed ut luceret omnibus qui in domo Dei erant, ut propter hoc glorificaretur pater, qui in celis est, et ut alij Christiani, eorum exemplo intrare in regnum Dei et, pro eius amore ac fide, martiria diuersa subire, ecce ex parte cuiusdam iudicis, nouiter ad predictam (24) ciuitatem Vlixbonam superuenientis (25), nomine Tarquinj, nouum fuit preco-

(17) iNo ms., *habundantiam*.

(18) No ms., *storiographi*. Du Cange, *Glossarium*, regista a forma contracta *storia*.

(19) No ms., *ethimologiarum*.

(20) .Ofr. P.L., 02. coi. i535 (liv. »15. cap. JI das *Etymologiae*): «*Olyssipona*, ab *Ulysse* est condita, et nuncupata; quo loco, sicut historiographi dicunt, coelum a terra, et maria distinguuntur a terris».

(21) 'No ms., *oculte*.

(22) No ms., estava *sancto*, que uma mão tardia emendou para *sancti*.

(23) No ms., o escriba esqueceu-se do o final de *suburbio*, acrescentado posteriormente.

!(24) No ms., lia-se *preditam*, emendado posteriormente para *predictam*.

(25) No ms., vinha *semper uenientis*, emendado posteriormente para *superuenientis*.

A legenda doo Santos Mártires Vetíssimo, Máxima e Júlia 77

niratum mandatum in tota ciuitate -et executioni deditum ut quicumque uir, aut mulier, fidem Christi coleret ⁽²⁶⁾ aut nomen Christi inuocaret et non pocius ydolis ymmolaret, diuersa tormenta pateretur et tandem capite truncaretur.

Quod mandatum eciam in aliquibus ⁽²⁷⁾ Christianis illico tam crudeliter fuit completum, per inaudita supplicia, ut multi, timore mortis et horrore penarum ⁽²⁸⁾, fidem IChristi desererent; ac fidem Christi negabant et, facti pagani, tiran[n]orum obediens illicitis ius[s]ibus, ydolis ym[m]molabant.

Cum autem tres gloriosissimi fratres, IUerissimus, Maxima et 'Iulia, sorores eius, religionis fide ac propagine carnis germani, audito tam detestabili edicto ⁽²⁹⁾ fuissent uehementi cordium dolore sauciati, dolentes ⁽³⁰⁾ nimium quod sic multi fideles timore mortis ydolis immolabant, alij ⁽³¹⁾ in speluncis terre latitabant, alij fugientes in solitudinibus et montibus errabant, alij pro Christi fide suspendebantur, alij in occisione gladij trucidebantur, relictis omnibus secuti Christum, minas impiorum non timentes, cum testimonio fidei, sipiritu sancto per eos loquente, / conspectui ⁽³²⁾ illius tyranni crudelissimi iudicis Tarquinj, qui Christianos persequeretur, se alacriter presentarunt ac obtulerunt, dum pro tribunali sederet, quodam mane, coram tota ciuitate, ac quosdam Christianos ad mortem iudicaret, sibi hec uerba non timuerunt proferre:

Fl. 3 v.

O impi[i]ssime ac crudelissime iudex hominum, si Deum cognosceres, si rationem et naturam uere iustitie scires, si secundum di[c]tamen ⁽³³⁾ recte rationem procederes, si iudicij sententiam secundum Deum et rectam conscientiam pronunciares et, super ⁽³⁴⁾ omnia, creatorem tuum et iudicem celorum, qui cunctos iudicat et in cuius manu sunt omnes fines terre, cognosceres, et in quo mundo es et unde uenis et quo uadis debite pensares, 'Christum quem predicamus, filium Dei, Deum uerum de Deo uero, Redemptorem mundi, passum pro cunctis peccatoribus in cruce, cognosceres et cultum coleres et adorares et ipsum esse solum Deum uerum, creatorem celi et terre, secundum diuinitatem profitereris et, profitendo, animum tuum ab ipsis falsis dijs ac ydolis lapideis li[g]neis, qui, surdi et muti existentes, nichil audiunt, nichil intelligunt, reuocares et (Christo soli !Deo ymmolares.

(Quibus Tarquinus rex dixit: Unde estis uos, uel de qua patria nati, qui talia contra ius[s]a et edicta romanorum, qui toti mundo dominantur, docere «emana oriundi sumus; secundum autem spiritum, serui iChristi sumus, fidem et proferre ausi estis, permaxime quia nostri principes romani hanc sectam et doctrinam Christi uestri de toto mundo exterminari iubserunt.

⁽²⁰⁾ ;No ms., *coloret*.

⁽²⁷⁾ No ms., *alibus*, emendado posteriormente para *aliquibus*.

⁽²⁸⁾ No ms., *penarum*.

⁽²⁾ No ms., estava *eudito*, que mão desconhecida corrigiu para *edicto*.

⁽³⁰⁾ · No ms., *dolotes*.

⁽³¹⁾ No ms., *alij*s, corrigido para *alij*, talvez pelo autor deste apógrafo.

⁽³²⁾ No ms., *compescui*, que mão tardia substituiu, em cima, por cons-

pectui.

⁽³³⁾ No ms., estava *difamen*, mais tarde emendado para *dictamen*.

⁽³⁴⁾ No ms., *semper*, emendado tardiamente e à margem para *super*.

Tunc beatus Uerissimus, zelo fidei accensus, dixit: (Si queris genus nostrum secundum carnem, de nobili prosapia orti sumus romanorum et de ciuitate romana oriundi sumus; secundum autem spiritum, serui Christi sumus, fidem eius, tam in urbe romana quam in ista ciuitate Vlixbona, tenuimus ⁽³⁵⁾, predicamus ac defensamus et, sicut unius patris et matris filij ac fratres sumus, secundum carnem, sic unius uoluntatis, unius intentionis ac cordis sumus Christo Deo nostro seruire, pro eius fide astare, eam usque ad mortem defensare. ¶Romani -enim principes uestri noluerunt cognoscere Christum Ihesum, mundi saluatorem, et idcirco, malicia perducti, Christi ueri Dei preceperunt fidem de mundo exterminari.

Tunc iudex Tarquinus ait eis: Si ita est, ut uos dicitis, ergo totus mundus errat et uos soli uerum dicitis; cum tamen rationabilius sit credere pluribus de toto mundo quam duobus aut tribus, verumptamen, quia audio uos romanos esse et de urbe romana natos, misereri uobis uolo, nec uos persequi nec in aliquo nocere intendo. Vnurn tantum facite: dijs urbis Rome sacrificate, ipsos adorete
 Fl. 4 et ut cetera gentes / uiuite; et muneribus ac donis uos ditabo atque cum honore magno uos in ciuitate tenebo. Scire tamen a uobis uolo quibus nominibus nu[n]cupemini.

Cui Uerissimus ait: Ego uocor Uerissimus. Hee due mee sorores uocantur Maxima et Ilulia.

Tunc ait iudex: Si meis monitis obtemperare ⁽³⁶⁾ uoueritis, te, o Uerissime, faciam principem omnium nostrorum sacerdotum qui sunt in hac ciuitate; has autem sorores tuas in coniugio nobilibus ac uiris opulentis cum magnis diuicijs copulabo.

iCui Uerissimus: (Nec dijs tuis sacrificabimus nec dignitates ac diuicias tuas aff]ectamus; diuicie nostre et thesauri nostri in celis sunt, ubi nullus eas nobis potest auferre nec eas possumus in aliquo diminuere nec unquam, postquam eas semel habuerimus, perdere.

Tunc Maxima et Ilulia constanter dixerunt: Noueris, o impijssime iudex, nos Christianas ab origine natiuitatis fuisse et fidem Christi semper tenuisse, ipsum solum adoramus, ei soli seruimus, mentes nostre in ipso sunt fundate, in eius fide solidate, ipse est sponsus noster, dominus noster, pater et rex noster, ipsum solum amamus, ipsum solum speramus, ei soli nostras uirginitates uouimus et immolauimus. Ideo uerba tua uenti sunt, promissiones tue pluuię sunt, que in nullo prosunt.

Tunc iratus iudex dixit: Uideo iam uestras intenciones quam firme existant in Deo uestro. Idcirco, de uerbis uestris non curo; aut igitur dijs nostris sacrificate, aut diuersis sup[p]licijs uos faciam interire.

'Cui respondentem, dixerunt: ONec promissiones tuas curamus, nec terrores tuos timemus, quia ad gloriam martirij peruenire desideramus. iSi ergo plagas, uinacula aut carceres nobis ingeras, habemus nobiscum spiritum sanctum, per quem despiciamus uniuersa, in tantum quod mortem pro 'Christo ample[c]ti libentissime cupimus.

(35), l>evia ser *tenemus* e não *tenuimus*.

.(36) (No ms., *obtemperari*.)

Cum itaque beatissimi mártires, sexu quidem dis[s]imiles sed animi uirtute concordés, in hoc sancto proposito immobiles perseuerarent, iratus contra eos iudex Tarquinius eos in carcerem tenebrosum, qui erat in ciuitate sub terra positus ⁽³⁷⁾ carens lumine undiquaque ⁽³⁸⁾, precepit mitti ibique uinculis ferreis manus earum et pedes fortiter aligari. Iubsit eciam in ibidem fame ac siti cruciari.

Qui postquam in carcerem tenebrosum mis[s]i fuerunt, manus atque pedes eorum uinculis ferreis satélites iudicis fortiter strinxerunt, colla eorum in trunco li[g]neo posuerunt et, exeuntes uelociter, / portam carceris clauerunt seris ferreis, ut nullus ad eos possit intrare qui eis cibum atque necessaria ualeret ministrare.

Fl. 4 v.

Sed sancti Dei perseuerabant in oracione, laudantes dominum, pro cuius amore digni erant martirium pati. Et ecce angelus domini apparuit eis atque confortans dixit: 'Nolite timere, o milites Christi, confortamini et uiriliter agite, quia pro istis que hic patimini supplicijs eternam uitam habebitis.

Hijis dictis, angelus domini disparuit et ipsi tantum fuerunt de uisione angelica leti effecti quod cibum terrenum omnimode obliuiscabantur, nec erat eis solatium aut cibus nisi Christus Ihesus, quem tota die laudabant.

Post triduum igitur, iudex crudelissimus eos ante se fecit uenire, quia ita pulcri et in suis faciebus resplendentes aparueru[n]t quod uidebatur quod illa hora cibus delectabilissimis fuissent refecti.

¡Sedente, igitur, pro tribunali iudice Tarquino, dixit ad eos: In ueritate, diebus istis satis considerauí in factis uestris, doleo de uobis quia ita mortem elegistis, doleo de uobis quia romani estis et uellem uos, sicut ceteri faciunt, Christum uestrum abnegare et nostros deos adorare, doleo de uobis quia iuuenes estis et perdere iuuentutem uestram non timetis. Consulamini iuuentuti uestre et mori sic fatue nolite ac dijs nostris sacrificare, et promitto uos ad magnas diuicias ac honores eleuare.

¡Cui una uoce mártires sancti dixerunt: Nostra conuersatio scias, o iudex, quod in celis est, illic tendimus, ibi est nostra patria, ibi est Christus Deus noster, cum quo regnare in perpetuum speramus. (Iuuentus enim nostra, quam nunc in carne habemus, est sicut fenum quod cito crematur et sicut flos agri qui cito floret et subito desicatur. Et ideo, perdere iuuentutem nostram in carne eligimus, ut obtinere in celis illam perpetuam ac iocundam iuuentutem, que nunquam senescit, nunquam decedit, ualeamus.

Tunc dicit ⁽³⁹⁾ iudex: Per deos et deas nostras, quod nisi deos nostros adoraueritis, tot supplicijs uos affligam et tot horribilibus penarum generibus uos puniam quod eritis exemplum et castigatio omnibus Christianis, ne talia de cetero loqui audeant, ut nec nomen Christi uestri solummodo nominare presumant.

Tunc, beatus Uerissimus dixit: Ego dico tibi, pro parte mea et parte earum

⁽³⁷⁾ No ms., *positum*.

⁽³⁸⁾ Leitura duvidosa. O desdobramento mais natural talvez fosse *undique quod*. Porém, não tem aqui sentido. Além disso, alguns escribas empregavam por vezes as abreviaturas um tanto arbitrariamente.

⁽³⁹⁾ Talvez engano do copista, por *dixit*.

Fl. 5 sororum mearum, quod nos in hijs penis, quibus nos te uelle affligere minaris, ita delectabimur sicut qui bona noua audit aut qui uidet quod diu desiderauit aut qui multos thesauros inuenit; non eni[m] potest triticum in horreum poni, nisi prius / eius spica fuerit fortiter conculcata et in paleas redacta. Sic anime nostre non possunt paradisum intrare, cum palma martirij, nisi diligenter feceris corpora nostra, pro Dei amore, a tuis satel[*l*] itibus at[t]rectari.

Tunc iudex dixit: Et ego huiusmodi rem ualo in uos, rebelles rey publice romane, experiri, ne per uos pereant iussa romanorum imperatorum.

iPronunciauit, igitur, sententiam et mandauit quod in eculo horribilissimo et alto ponerentur, ligatis manibus et pedibus, et tandiu ibidem torquerentur quosque membra eorum, brachia, manus, tibie, pedes ceteraque membra extenderentur et iunture membrorum ab inuicem sepa[ra]rentur et ossa eorum frangerentur.

Tunc subito per satel[*l*]ites iudicis capti sunt et, facto primo quodam horribilissimo eculo quale nunquam antea uisum fuerat, ad ipsum sunt ap[p]licati; et manus ac pedes eorum ita fortiter sunt ap[p]licati et ita funibus i> eculo sunt astricti ⁽⁴⁰⁾ quod sanguis eorum per cutem exalabat undique. Juncture membrorum ab inuicem separabantur, sonus separationis bene audiebatur, ossa et membra frangebantur. 'Sed mártires Dei gaudebant ⁽⁴¹⁾ se pro Christi nomine dignos fore pati hoc supplicium et laudantes inuocabant dominum, ut eos paratos ad omnia tormenta pro eius nomine sustinenda fortiores rederet ac faceret.

/Cum, igitur, impius iudex uideret eos in penis non solum non deficere sed etiam inter sup[p]licia fortiores esse, ira repletus demon precepit quod, ligati manibus ac pedibus et positi ad quamdam colu[m]nam, ita fortiter scorpionibus ferreis uerberarentur et in carne per frustra dissiparentur ⁽⁴²⁾ quod ulterius talia de cetero atemptare alij non presumerent.

Et ecce sancti mártires per crudeles satel[*l*]ites, in continenti, ita fortiter fuerunt scorpionibus dilacerati quod eorum uiscera ac intestina publice a quocunque uolente intuebantur. Flebant pro tunc [in] eos seuiantes, flebant paruuli, flebant mulieres, flebant cuncti fideles Christiani, qui tunc erant in ciuitate. Et de eorum patientia ita omnes mirabantur quod, flentes et eorum exempla sumentes, in domos suas reuertebantur.

Fl. 5 v. Jpsi autem mártires omnia equanimiter sustinebant, in tantum ut illatas sibi multiplices penas uiderentur quodammodo non sentire. Post hoc, minister diaboli pene extra se iam positus, cum uideret hos mártires in penis fortiores continue existere, nouas et inauditas penas incipit cogitare. Fecit, igitur, iterum parari eculos crudeliores quam fuerunt priores, altos et in magna / magnitudine existentes, et ibidem eos eleuari membraque eorum deuelli ⁽⁴³⁾, et iterum mandauit quod, in eodem eculo, eorum carnes ita unguis ferreis carminarentur et perforarentur ut compages uiscerum palam paterent, nec pie cum eis agendum ullo modo foret.

⁽⁴⁰⁾ No ms., *astricte*.

⁽⁴¹⁾ No ms., *gaudebunt*.

⁽⁴²⁾ No ms., *disipentur*.

⁽⁴³⁾ No ms., *deuelli*.

Quos illico ac[c]eptos et in eculeo assumptos, strictissime ⁽⁴⁴⁾ eorum manibus ac pedibus ligatis, ita fortiter diaboli satel[l]ites torquebant, ita acriter eorum intima carpabant et dilacerabant quod eciam ipsi pagani nimium eis condolebant, ymmo iudicem ciuitatis rogauerunt ut eos a tali ⁽⁴⁵⁾ eculeo deponeret et de cetero penas non irrogaret.

Post igitur duos dies, uenit ad eos rogans quatenus deos romanos adorarent, ne grauiora supplicia sustinerent. Cui respondentem, dixerunt: Uerba tua fatua sunt et uana, aerem maculantia et iniqua. O miser et sine sensu et sine intellectu, quomodo uis ut lapides adoremus et Deum celi qui nos confortat negemus?

Non sic impij, non sic, scriptum est enim: dominum Deum tuum adorabis et illi soli seruias.

Quibus respondens, iudex dixit: iSi nos lapides adoramus et ego hodie, per lapides et super lapides, uos faciam ita transire et uidebo si iDeus uester de huiusmodi supplicio uos poterit liberare.

Ex eculeo igitur assumptos, fecit eos ⁽⁴⁶⁾ per diuersa sup[p] licia tormentorum crudeliter pertransire. Ac totus ipse iudex animo eferatus iussit, sedens pro tribunali, ut eorum pedes ac manus funibus ligarentur strictissime et ad caudas equorum eorum colla ligarentur et nudi eorum corpora, serpendo, super lapides et aquas et per uicos ac plateas et per compita ac precipicia ciuitatis ducerentur, precone ante eos clamante ac condemnante.

Qui ⁽⁴⁷⁾ subito per satel[l]ites ad caudas equorum trium fuerunt ligati nudi et per omnes ciuitatis Ulixbone plateas ac uicos fuerunt ducti, a loco in quo palarium regis residet, usque ad hunc locum in quo eorum corpora requiescunt. Fluebat eorum sanguis per uicos ac plateas ciuitatis. Currebant omnes uiri pariter ac mulieres ad hoc grande spectaculum, nec erat aliquis qui non miraretur constantiam sanctorum martirum. Cumque habundantius in Dei laudibus exultarent, cumque uelocius traherentur per uicos ac plateas, totiens signo crucis armabantur, totiens in cruce Christi consolabantur et idcirco, ubicumque / stilla sanguinis eorum lapidem aut aliquid solidum tangebant, illico crux Christi in eodem fiebat ac si lapidica ferro aliquo scul[p]sisset, ut omnes in hac riuitate ulixbonensi nouerunt qui plures de hijs lapidibus inuenerunt, quos eciam ad colla infirmorum ponunt et continuo recipiunt sanitatem.

Fl. 6

Videns, autem, predictus iudex gloriosos Dei athletas, Dei uirtute, se torquente fortiores, animo furibundo nec ex eorum penis ⁽⁴⁸⁾ sariatus talem protulit sententiam ut nudi, in medio platee ciuitatis, ad ligna ligarentur, cum manibus retro, et tandiu lapidarentur quousque spiritum exalarent ⁽⁴⁹⁾. Et sic factum est per satel[l]ites iudicis, unde eciam a multis de riuitate paganis lapidabantur.

IFluebat sanguis de capite cuiuslibet eorum, fluebat de uultu. Fluebat de uentre. Fluebat de omni corporis parte. Sed sancti martyres Christi, hilari ⁽⁵⁰⁾

⁽⁴⁴⁾ No ms., *striptissime*.

⁽⁴⁵⁾ No ms., *atuli*.

⁽⁴⁶⁾ No ms., *ea*.

⁽⁴⁷⁾ No ms., *Que*.

⁽⁴⁸⁾ No ms., *pennis*.

⁽⁴⁹⁾ No ms., *exalarent*.

⁽⁵⁰⁾ No ms., *illañ*.

uultu ac fortiori spiritu, tolerantes ⁽⁵¹⁾ huiusmodi lapidationem ⁽⁵²⁾ ac y[c]tus lapidum, non cessabant, professione ⁽⁵³⁾ qua ceperant, confiteri Christum ihesum, propter quem ⁽⁵⁴⁾ quod exanimus effectus impi[i]ssimus iudex ac iniquus, uidens quod huiusmodi penis sanctos Dei superare non posset, capitali sententia mandauit eos uitam finire.

Ministri igitur detestabiles, nefandi iudicis precepta complentes ⁽⁵⁵⁾, sanctos Dei mártires ad locum, ubi ceteri decolabantur, duxerunt. Sed sancti Dei mártires, antequam decolarentur, orandi inducias ⁽⁵⁶⁾ petiuerunt, quas illico a satel[li]tibus ⁽⁵⁷⁾ obtinuerunt, et orantes dixerunt:

Domine Ihesu Christe, pro cuius amore ac fide patimur has tribulationes, vincula, carceres, obprobria et mortem, te oramus deuotissime ut quicumque nostri memoriam fecerit, uel in orando auxilium nostrum poposcerit et, uigilando seu orando, se nobis recom[m]endauerit, aut in periculo aliquo fuerit et nos in patronos inuocauerit, mittere digneris ei auxilium de celo et de alto tuere eos, nichil eis nocere ualeat aliquis inimicus eorum de nocte ac de die tua opitulatione saluentur, a peste et morbo caduco liberentur et, hora mortis, angeli tui eos consolentur et in celum perducant, permaxime eos qui nostras lampades illuminauerint aut cum deuotione sepulcra nostra uisitauerint, benedictio tua semper eos illuminare dignetur, regere ac gubernare, amen.

Et uox de celo statim ad eos facta est, dicens: O beatissimi ⁽⁵⁸⁾ mártires Christi, apud dominum meruistis que pro uestris de/uo[ti]s exorastis, placet Deo complere que petistis.

¡Hijis dictis, ministri iudicis eorum capita, ut iussum fuerat, amputarunt, ipsorum manibus iunctis et eleuatis in celum. Et sic immaculatas ac sine peccato eorum animas, receptas statim ab angelis et ductas in celum, Deo, a quo ipsas receperant, fideliter obtulerunt et cum Christo regna [n]t in eternum.

¡Nec sic tamen est seuientis iudicis expleta crudelitas, nam quos uiuentes superare non potuit punire uoluit uel defun[c]tos. Nam, postquam ad eius noticiam peruenit quod defun[c]ti erant, mandauit eorum corpora in campo relinqui, quod nullatenus sepelirentur. Sed, cum nec sic satiatus esset de eorum pena, inuectus furijs, precepit magnas molas ⁽⁵⁹⁾ saxeas ad colla eorum ligari,

⁽⁵¹⁾ No ms., *tollerantes*.

⁽⁵²⁾ **No ms., lapiditas.**

⁽⁵³⁾ Mais tarde, emendado erradamente para *professionem*.

⁽⁵⁴⁾ Ou *quem* está a mais, ou faltam aqui algumas palavras. Frei Agostinho de S. Maria, *Historia Tripartita*, 60. traduz assim: «com que havião começado a confessar a Christo Jesus, por cujo amor padecião com alegria todos aquelles tormentos. A vista destas maravilhas, se comia de rayva e ira aquelle impiissimo Tyranno e iniquo Juiz».... O sublinhado é nosso. Podemos, assim, reconstituir aproximadamente o texto latino pois tudo leva a crer na omissão dalgumas palavras: «propter quem, [cum gaudio, omnes illos cruciatus sustinebant; propter] quod exanimus effectus impiissimus iudex ac iniquus»...

Depois de *iniquus*, talvez falte a palavra *tyrannus*.

⁽⁵⁵⁾ **No ms., completens.**

⁽⁵⁶⁾ O ms. repete a palavra *inducias*.

⁽⁵⁷⁾ No ms., *setelitibus*.

⁽⁵⁸⁾ No ms., *beatissime*.

⁽⁵⁹⁾ No ms., *mollas*.

cum funibus grossis, et cum istis mollis saxeis precepit ut eorum corpora in profundum maris, inter castrum (Almadane ⁽⁶⁰⁾) et ciuitatem Vlixbonam, demergerentur, quatenus pisces, si quid laceratis supererat co[r]poribus, lambendo consumerent, ne postea ad noticiam fidelium eorum memoria possit peruenire, quod quidem, ut iussum fuerat, ministri celeriter impleuerunt.

Sed omnipotens Deus, cui semper de sanctis suis precipua cura est, qui istos in terra fecit uictoriosos in mari eciam ostendit gloriosos. Cum, ergo, ipsorum corpora, suspensis ⁽⁶¹⁾ ad colla molis ⁽⁶²⁾ ipsis saxeis, maris fluctibus imecissent, statim mittentes corpora martirum in mare festinarunt in terram descendere, credentes de iussione ⁽⁶³⁾ completa magnum ⁽⁶⁴⁾ principi gaudium reportare. Deo itaque aliter disponente, sic factum est ut qui credebant in profundo maris teneri prius ad portum et ad terram uenirent quam celeres nunciij possint nauigio ad terram ap[p]licare, ut beati mártires apparent diuinis miraculis coruscantes, ut qui nec in uita potuerunt uinci supplicijs nec post mortem eciam possent retineri fluctibus maris.

Audiens, autem, deuotus populus Christianorum ⁽⁶⁵⁾ oc[c]ultus, qui tunc erat in hac ciuitate et uiderat ordinare ⁽⁶⁶⁾ passionem horum sanctorum martyrum, tantum diuine potestatis et lenitatis miraculum, ad locum, ubi sanctorum corpora deuerant, cum ingenti gaudio concurrebant, tante rei nouitate plurimum stupefacti. Et ipsorum corpora de nocte ac oc[c]ulte recipientes, ad quendam locum propinquissimum, qui iuxta litus maris erat et in quo domus parua quedam existebat, ad quam pro Deum orando fideles Christiani ⁽⁶⁷⁾, qui tunc ⁽⁶⁸⁾ in ciuitate erant, diebus / aliquibus confluebant, eadem corpora Fl. 7 detulerunt et in eodem oratorio siue domo sepelierunt, cum magna deuotione.

Post multa uero tempora, crescente fide christiana et insurgente, in Yspania, beatissimi Iacobi patroni et defensoris nostri illustrissima ac deuotissima milicia, quedam domine deuotissime sancti Iacobi hunc locum et hanc domum elegerunt, ad seruiendum sub regula ordinis milicie sancti Iacobi ibidem. Et recipientes habitum dicti ordinis, reuelatione diuina horum martirum corpora ac passionem scriptam inuenerunt. Et tunc, cum magna reuerentia, transfere eadem ad locum sollemmiorem curauerunt. Et tunc, in predicta domo ubi erant sanctorum martyrum corpora sepulta, edificare quoddam monasterium ceperunt, sub regula sanctissima et habitu et ⁽⁶⁹⁾ ordinis militie sancti Iacobi, non longe ab urbe predicta, et monasterium dominarum de sanctis, de ordine milicie sancti Iacobi, ipsum nominare fecerunt, in honore sanctorum martirum Uerissimi, Maxime et Iulie, ibidem sepultorum ⁽⁷⁰⁾.

⁽⁶⁰⁾ Isto é, *castelo de Almada*.

⁽⁶¹⁾ No ms., *suspensu*, emendado tardiamente para *suspensis*.

(C2) No ms., *molibus*.

⁽⁶³⁾ No ms., *iubsione*.

⁽⁶⁴⁾ No ms., *magna*, emendado tardiamente para *magno*.

⁽⁶⁵⁾ No ms., *christiannorum*.

⁽⁶⁶⁾ A palavra *ordinare* acha-se completamente riscada.

⁽⁶⁷⁾ No ms., *christianni*.

⁽⁶⁸⁾ Depois de *tunc*, riscaram a palavra *erant* que vem de novo à frente.

⁽⁶⁹⁾ Julgamos que *et*, neste lugar, deve estar a mais.

⁽⁷⁰⁾ No ms., *sepultorum*, mais tarde emendado para *sepultorum*.

Peracto ⁽⁷¹⁾ igitur ac perfecto monasterio, omnes utriusque sexus uiri ac mulieres, senes, pueri, nobiles et alij ad sanctorum transferendas reliquias unanimiter conuenerunt, cum magna deuotione. Et dum eorum corpora de loco inferiori sub terra, ubi erant sepulta, extraherentur, tantus odor et fumus aromatum redolentium exalauit quod apud ibidem presentes uidebantur omnes species aromaticae et apot[h]eae specierum ibidem esse, post, ita presente toto clero ac populo ciuitatis Ulixbone, ad locum ubi nunc, in mauseolo ⁽⁷²⁾ lapideo et decenter ornato, sepulti sunt, cum magna reuerencia et tocuis populi gaudio translati sunt die prima octobris, qua eciam die eorum anime in celis cum angelis sunt colócate, in predicto monasterio quod, proter honorem eorum, uocatur monasterium de sanctis, ad quod, temporibus antiquis, omnes qui confitebantur et penitebant et eciam qui uota emiserant, sed complere non poterant, deuotissime discalciati eciam pedibus, confluebant de ciuitate Ulixbona et de alijs partibus, cum magna deuotione, quia ibidem, meritis horum sanctorum martyrum, indulgentie peccatorum penitentibus et confessis prestabantur, vota dispensabantur, beneficia sanitatis infirmis conferebantur. Cecis, eciam nunc, uisus ibidem datur, claudis gressus confertur. Muti ibidem / loquuntur ⁽⁷³⁾.

Fl. 7 v. Surdi audiunt. Leprosi ac contracti mundantur. 'Demes expelluntur. Mortui resuscitantur; febricitantes, posita terra eorum sanctorum martyrum ad collum cum deuotione, sanantur, plusquam ⁽⁷⁴⁾ ibidem signa ac mirabilia per Deum omnipotentem, meritis et intercessionibus horum martyrum, monstrantur, ut patet per eorum miracula continua, ad laudem ipsius Dei omnipotentis qui est benedictus in secula seculorum. Amen.

fe

[MELAÍGRES]

[l.º] ISabhã quantos este milagre virem que feria sexta tres dias de junho, era de mili LI«II.^c <L. ãnos, achegou a este mosteyro hua molher adoorada, ha qual ha nome (Maria «Lourenço, morador em sam Johã de Penalva do bispado de Viseu, e em sua cõpanha delia veerÕ três homes, huü delles avia nome Pedro Ennes do termo dObidos e o outro Joanne Annes e o outro Luis dEvara, os quais e [a] dicta Maria Lourenço dormiro, aquella nocte seguinte de sexta feria, ante ho sepulcro dos sanctos mártires sobre dictos. E ao sabado polla manhaa, a dicta Maria Lourenço se cõpeçou de se aficar da door de hum spiritu malinno,

(71) No ms., estava *iPacto*, posteriormente emendado para *Peracto*.

(72) No ms., *manseolo*. Cfr., Du Cange, *Glossarium*, em *Manseolum* e *Manseolus*. Porém, neste caso concreto, devemos estar na presença de mais um lapso do copista, por *mauseolo*.

(73) No ms., *locuntur*.

(74) Talvez erro do copista, por *pluraque*. Fr. Agostinho de S. Maria, *Historia Tripartita*, 67^o68, termina a narração do seguinte modo: «a térra de tua sepultura ao pescoço, ficavão livres e sãos. Infinitos erão os sinaes e memorias dos milagres e maravilhas que Deos obrava naquella casa, pela interceção e merecimentos daquelles gloriosos Santos, como se viam pendentes das paredes daquella sua casa, para mayor louvor do mesmo Senhor e Deos Omnipotente, que os obrava, e que seja bendito para sempre e por todos os séculos. Amen». Como se vê, parafraseia aqui e além.

que dizia e chamava per nome que era ho mestre dom Martim Annes de Barbudo, o qual, ante que dese ho sinal que depois deu, a fez sair per fora do mosteyro e andou pasayando e bafordando per de fora e dando suas razões e respostas a algũas cousas, que lhe foram pregütadas per huia booa dona e de booa oraçom do dicto mosteyro, e esto asy feyto tornóse ante o dicto sepulcro e progue ao nosso senhor e salvador Çhesu Christo que, por horra e louvor dos dictos sanctos mártires, que ho dicto spiritu malinno deu ho sinal que prometeo adar e deu huü dinheiro de meo real, que see dependurado per hutia linha ante a rea do sepulcro dos dictos sanctos mártires, e a dicta Maria Lourenço ficou e vaay saã do dicto spiritu e dos outros que em ella eram, graças a Deus e aos sanctos mártires; tres que esto virom, hos dictos homeës e as outras molheres dos perdoõs e Ysabel Gonçalvez, sancristaã, e outras boas donas do dicto mosteyro que hi estavam.

[2.º] Huu homẽ morador em Castro Verde era tolheyto dos pees e das rnaaos. E aveo que, na ceyfa, andava hũa sua molher e achegarõ hi demãdadores deste logar e contarõ os milagres que fazia o bẽ avëturado sam Verissimo. E ella, quando esto ouviOj conpeçou de cho/rar e disse asy: ó bem aventurado sam Verissimo mártir, rrogo te que te nẽbres deste meu marido que asy he tolheyto, nẽbrate del.

Fl. 8

E seëdo em esta pitiçom, adormeço. E veo a ella huü homẽ e chamava por seu nome e ella rrespondeo: quẽ me chama?

E [ho] omẽ lhe disse: eu som sam Verissimo, o que tu ora rogaste por teu marido; ergite e chamao, que guarido he. E dilhe que se vaa a Lixboa ao mosteyro de sanctos, hu eu jaço com minhas irmaãs, e faça hi conhoçẽça por este bem que lhe he feyto.

[3.º] Huü omẽ, morador em sancta Agna de Palmella, avia maleyta de cada dia. E avia ja tres anos e meo que nunca ho leyxara . E elle asi mui cuitado, nẽbrouse do bem aventurado sam Verissimo e prometeo em seu coraçõ que hiria em romaria ao sepulcro destes sanctos mártires e, como esto pos com devoçõ em sua võtade, logo aquella ora se achou saão e salvo.

[4.º] Huü omẽ, morador nAmexueira, avia huü filho, ho qual era sordo e nom ouvia pouco nẽ muito; e elle andando asi mui cuitado por seu filho, ouvio dizer a vertude e hos milagres que estes sanctos per graça de Deus obravo. E com grã devoçam, cõpeçou de hos chamar dizendo: ó sam Verissimo mártir, nẽbra te deste meu filho e dalhe saude, asi como das a todos aquelles que te chamã com devoçõ. E eu te prometo que to leve em cada huü ãno a tua casa, com huia oferta.

E logo aquella ora que ho asi prometeo, logo recebeo saude de seu ouvido e ele cÓprio aquello que prometeo.

[5.º] Huü home, morador na Alfama, começou a fazer huia casa em dia de sam Verissimo e veo huu seu vizinho e disselhe que fazia mal, que lavrava em dia de sam Verissimo, sequer por que nosso vizinho.

Disse el: seja como quer, que pois eu ja em çima estou, cõvem que acabemos esta obra.

E el esto dizendo, deulhe tal maleyta, da qual jouve huü ãno acabado. E em dia de sam Verissimo, nẽbroulhe como fezera serviço no seu dia e rogoulhe que se amercesse dalle. E esto dizendo^ adormeço e veo a ele huü omẽ e

disselhe que fasse a Sanctos e que receberia saude. E el disse que no podia andar. E o home lhe disse que fosse a molher por elle e rogasse por el aos sanctos mártires; e logo foy saão.

Fl. 8 v. [6.º] / Huü home, morador em Monte Agraço, avia huua vinha e era chea de pulgom e de lagarta, em tal guisa que a comia toda; e el com grande coyta nêbrouse dos milagres que ouvira destes sanctos mártires e rogoulhe que lhe tolhesse esta praga da sua vinha e que el seeria em cada huü ano seu romeu; e quando tornou a veer sua vinha, achou saã e cõ seu fruto.

[7.º] Huõa molher, morador em Lixboa na freguisia de sam Thome, avia huua vinha em Alvalade e veerom lhe dizer que era tolheyta de corisco e foya veer e achou tal quejanda lhe disserom. E nêbrouse dos milagres que estes mártires faziã e rog[o]ulhes que lhe tolhessem aquela praga e logo foy fora, que mays nõ pareço a praga.

[8.º] Huü home, morador em Sintra, tinha seu trigo em sua era debulhando e, quando chegou aa eyra pera o apanhar e emcovar, achou o todo de gorgulho cheo; e a gram devoçom que ouve em estes sanctos mártires rogou os de coraçom e prometeulhes sua oferta e cada huü ãno, se ⁽⁷⁵⁾ aquel gorgulho lhe tolhesem de aquell trigo; e el hyndo pera o medir, achou huü môte de gorgulho, em que avia huü alqueyre, e o trigo todo saão.

[9.º] Huü home, em Cizimbra morador, era marinheyro e andava sobre o mar, el e huü seu filho, ouverÕ grande tormenta e ntica leyxarom sancto que soubessem que nõ chamassem. E hy andava huü mançoço que morava em Sanctos e nêbrouse destes mártires e rogoulhes que se amerceassẽ déliés e os tirassem de aquella tormêta e seeriam seus romeus. E aa ora que esto disserom, ama [n] sou o vëto e foro a porto co saude.

[10.º] Huü home, per nome Stevam Çarrasco, e outros com el indo pera Aljacira, em huü bayxel, quando hi jazia el rey do Femando, tomou os hũa tormêta através de Porches, sobre o Algarve, e elles ja meêfestados, cuydãdo que fossem mortos. E rogarom estes mártires e logo em essa ora virom huüa canda sobre o mastro; e quanto mays ventava tanto mayor lume dava, por que a nocte era mui çarrada. Em outro dia, singlarõ dali e, yndo pera se

Fl. 9 colherem a Calhez, nõ os leyxou a tormenta ala entrar e tomarom / a Barrameda, per huü grande emçarramëto que fazia, e virom ante si huüa mui grande penedia que nõ poderõ delia tomar, per razom do vento que acharom escasso. E rogarõ a estes sanctos mártires que fossem a I>eus rogadores por elles, que pois os gardara per elles, de nocte, que os gardasse de dia. E logo se partiu htia abertura per meo de aquelles penedos, como se fosse hũa porta, de guisa que o bayxel pasou ⁽⁷⁶⁾ per elles rogindo que nõ podiã cõ mais, e

⁽⁷⁵⁾ No ms., e.

⁽⁷⁶⁾ No ms., *pasau*. Fr. Agostinho de S. Maria, *Historia Tripartita*, 84, traz, neste milagre, Carrasco e não Çarrasco. E à passagem que, no manuscrito eborense, traz *Calhez* e *Barrameda*, correspondem as seguintes linhas: «No dia seguinte passando dalli, forão demandar a Cádiz, mas a tormenta, que ainda continuava, os não deyxou entrar, e indo demandar o Porto de San Lucar, se virão então mais apertados». Será necessário dizer ao leitor que se trata do porto de Sanlúcar de Barrameda?

elles pasando aalẽ dos penedos pareçulhes que nõ avia hi porta nenhua, de guisa que os da terra se maravillava.

[11.º] Hua molher per nome Guiteria Piriz ⁽⁷⁷⁾, morador em Sam Giàao, era mal doente e deulhe cobiiça de comer pescado. E despoys que o comeo, veolhe huia dor que lhe andava antre o coyro e a carne bolindo; e andava toda em guisa que era muy cuitada e inchava ja. E ella avendo esta coita, nõbrouse destes mártires e rogoulhes de coraçom e de võtade que lhe possessẽ conselho. E aaquella ora que os rogou, logo lhe sayu huü vermẽ, em dereito do coraçom, e logo ficou saã [e] guarida.

[12.º] Hua molher per nome Domingas Afomso, criada de Orraca Meẽdiz, dona de Sanctos, siia escantando huü pouco de pescado e entroulhe huã spinha pollo dedo e inchoulhe o dedo, em guisa que se fez quatro somanas que nõ podia mandar o dedo; e chegouse huü dia a estes mártires e pos o dedo no moymento e logo foy saã.

[13.º] Huü home, morador nAmoxoeira ⁽⁷⁸⁾, era surdo que non ouvia pouco nõ muyto. E nõbrouse dos milagres que ouvira ⁽⁷⁹⁾ dizer que estes mártires faziam e rogou-lhes que lhe desẽ saude e tomou caminho pera alla e, tanto que chegou ao moymento destes sanctos mártires, ouviu melhor que ante ouvia.

[14.º] Huü home boõ tinha huü filho, e era surdo, e ouviu dizer dos milagres que Deus fazia por estes sanctos mártires. E prometeo que lho levasse em cada huü año, com candea e com obrada, e logo em aquella ora foy saão.

[15.º] Huü home, morador em esta cidade de Lixboa, era çego avia dous años e veo em romaria a estes sanctos mártires e ovio o sermo e aquello que delles pregavam; e pois que foy / acabado o sermõ, com devoçom grande foy pera o moymẽto hu elles jazẽ e pediulhes per mercee que lhe dessem seu lume; feyta sua oraçom e indo se pera sua casa e ante que ala chegasse, deulhe Deus seu lume.

Fl. 9 v.

[16.º] Hua molher de Lixboa, morador na Alfama^ perdeo a vista dos olhos, avia grã tẽpo, e veo em romaria a estes sanctos mártires; e fazendo sua oraçom e poer ⁽⁸⁰⁾ suas candeas, logo recebeo lumẽ e vio como outro orne qual quer.

[17.º] Hũa molher de Lixboa, per nome Elvira Piriz e morava em (Sam Nicolao, avia htia filha e avia gram tẽpo que era cega e trovea ⁽⁸¹⁾ ã romaria a estes sanctos mártires e, tanto que chegou ao moymẽto hu jazẽ, logo recebeo saude e lume cõprido.

[1#.º] Htia dona deste moosteyro fezesselhe gota fistolla na boca e era muy coyhada e enviou per mestre Reynel çelorgiã de Lixboa e mostroulha; e disselhe que nõ avia mestre (811a) que lhe podesse poer cõselho, afora Deus: e ella, veendo se em tam gram coyta, veo se deitar ante o muymento destes

⁽⁷⁷⁾ Fr. Agostinho de S. Maria, *Historia Tripartita*, traz *Justa Pires* (milagre 12.º, nesta obra).

⁽⁷⁸⁾ Isto é, na *Ameixoeira*.

⁽⁷⁹⁾ No ms., *ouvera*.

⁽⁸⁰⁾ Parece que devia ser *poendo*. Porém, no ms., vem claramente poer.

⁽⁸¹⁾ Isto é, *trouve-a* ou, em português moderno, *trouxe-a*.

^(81a) No ms., *meester*.

mártires, cõ grandes lagrimas e rogoules que lhe possem cõselho e asi visivelmente foy logo saã.

[19.º] Hũa molher, morador en Benavente, avia hũa filha muy doente de fistola, gram tẽpo avia, e andara per muytos meestres e todos a desepararo, porque a nõ pedia dar saã; e ella jacendo hũa noite dormindo, veo a ella huũ ornẽ em sonho e disselhe: vay com esta tua filha a sam Verissimo e ella dara saã.

E ella lhe preguntou em que logar era. E el lhe disse: vayte a Lixboa e pergunta por ho moosteyro de Sanctos e hy o acharás.

E elle fezeo asy e, tanto que hy chegou com sua filha e fez sua oraçom, logo recebeo saude e deu muitas graças e muytos louvores a Deus e a estes gloriosos mártires.

[20.º] Huu scudeyro morava em Torres, per nome Stevam Piriz, deu lhe hũa door no braço e aazouelhe em el gota fistola e era tam mal apostado que lhe metiã pollo ombro hũa corda die linho canave e acodia ao cotovelo; e elle era ja dasperado do braço e os meestres ja del nõ queriam pensar e com coyta grande dezia que lho talhasem; e el ja/zendo asi, foy hũa dona desta casa alá e foyo veer e disse lhe que se emcomẽdasse a estes mártires e que feuzo avia em Deus que elles lhe dariã saude; e el rogou os de coraçom que lhe quisesse [m] fazer mercee. E de noite, jazendo el dormindo^ pareceulle que via huũ home mui fermoso e duas meninas apar del; e fez pergunta quẽ era e disselhe hua voz: estes som os mártires e estes te darã saude.

E logo em aquella noite lhe abaixou a door do braço e leyxou de deitar e ficou saõ e guarido.

[21.º] Huũ homẽ, morador em Sam Giaão, per nome Johã Remaldez Capareyro ⁽⁸²⁾, tinha huũ dedo tolheyto de hũa door muy grade e nõ o podia mãdar; e com grã devoçom fuy ⁽⁸³⁾ a Sanctos e rogou estes mártires que lhe dessem saude e, feyta sua oraçom, ficou logo saõ.

[2.2.º] Huũ homẽ, morador na sobre dita freguesia de Sam Giaão, per nome Symõ Çapateyro e era mal doente de huũ braço ⁽⁸⁴⁾, em guissa que o cuidava aperder. E cõ gram devoçõ veo a estes mártires e foy logo saõ del.

[23.º] Hũa molher, morador ẽ Ribatejo, avia demonio e era ja tolheyta e no avia ẽtendimẽto nenhũ; e jazendo dormindo, veo a ella sam Verissimo e disse lhe:

Maria Dominguez, dormides ?

E diz ella: nõ.

E ella ouve medo e disse: quẽ sodes?

E el disse: non ajades medo, que eu sou sam Veríssimo; e tu vay me buscar ao moosteyro de Sanctos e acharmas.

E ella disse: fareyo muy de grado.

⁽⁸²⁾ Fr. Agostinho de S. Maria, *Historia Tripartita*, 89, traz *João Bernardes Sapateyro*. ẽ dificil saber se estamos na presença duma variante do manuscrito do Mosteiro de Santos, ou dum erro de leitura.

⁽⁸³⁾ Quer dizer, foy.

⁽⁸⁴⁾ Fr. Agostinho de S. Maria, *Historia Tripartita*, 90, diz que o homem se chamava *Simão*, era este *carpinteyro e estava doente de hum braço*.

E tãto que amanheeço, guisouse pera yr la e tomoua o diaboo em tal guissa que a leixou por morta; e acorreulle o bem avêturado sam Verissimo e livroua do poder do diaboo e o diaboo deulhe sinal de como a leixava e lançou huï dinheiro de chubo pollo garganta della e fez juramento que nunca a mais filhase.

[24.º] Hũa molher morava apar dAlaquer e avia hũa filha casadoira e filhavaa o demonio ⁽⁸⁵⁾; e aconteço que se casou e, ella seendo casada, nõ lhe entendia o marido que ella avia tal door. E depois que lho entêdeo, veo arreferilo em praça e ella ficou em gram vergonça e rogou a Deus que lhe desse morte ou lhe tirasse aquella door que avia; e ella seendo em esto falando, adormeço e, jazendo dormindo, vyo ella sam / Verissimo e disse lhe: manceba, -dormes ?

Fl. 10 v.

Disse ella: dormo.

E preguntou: que sodés vos?

E el respõdeo: eu som sam Verissimo mártir e eu sey a coyta que tu as e tee[n]s no teu coraçom; acorda e vayme abuscar ao moosteyro de Sanctos e acharmeas.

E aia ora que acordou, fezeo asy e, indo polia carreira, sayo o diaboo do mar e pose lhe grande spanto e ella nêbrose de sam Verissimo e rogou o que fosse em sua ajuda; e ella perdeu logo o medo e chegou ao moosteyro e foyse a so o moymento, hu jaze os mártires, e fezelhos sua oraçom e logo o diabo se partiu delia e ficou livre e saã.

[25.º] Hũa molher andava sadia, avia gram tempo, e andava polia terra e feria a gête e non queria trazer cousa do mundo e chegou huï dia ao moosteyro de Sanctos e trazia duas pedras na maa. E quando chegou aa porta da egreja, tamanha foy a vergonça que ove, de como andava desnuda, que deytou as pedras das maaos, dando grandes braados que lhe acorresse, dizendo que toda aquella noite andara e que lhe semelhava que lhe dizia, nõ sabia quem, que vehesse ao moosterio ⁽⁸⁶⁾ de iSanctos, aos mártires, e quç elles lhe fariam merçee. E ella, quando hi chegou, era polla manhaa e foisse para so o moymêto dos mártires. E quando ora de terça, alçouse saã e salva e corda.

[26.º] Hũa molher de Cerzeda avia huï filho pequeno. E avia spanto em tal guisa que, quando lhe vinha este espanto, cuidava que morresse; e a madre do minino rogou estes mártires que lhe tirassem esta door. E hũa sua avoo do minino ficou que o trouvessem em cada huï ano a estes mártires, com candea tamanha como el; e aaquella ora que lho ofreçerõ, nõca lhe mais veo. E depois passaram tres ânos que o aqui non troverom e, a cabo dos tres annos, veeo em vissõ aa madre em tal guisa que lhe semelhava que hya per huï caminho, com huï' filho que ja avia no braço e o outro que avia de ofreçer ante si, e semelhalhe que lho queria filhar. E huï destes homes trazia vestidura branca e os dous trazia vestiduras negras e paresçia lhe que lhi queria

⁽⁸⁵⁾ *Ib.*, 91, lemos que a *esta persegua o Demonio e estava amancebado com ella e cruelmente a tratava*. Parece-nos que se trata duma interpretação de (Fr. Agostinho de S. Maria, pois a mania demoniaca (em questão do 6.º mandamento) era ainda vigorosa no séc. XVIII.

⁽⁸⁶⁾ Talvez engano, por *moosteyro*.

Fl. 11

filhar o minino; e adeantouse aquel home que trazia a vestidura branca e foy que tomassem o minino. /Ea madre vio que lho quieriam tomar e escondeo, e el dizendolhe que lho desse, que era seu e que lho ofereçera e que lho nõ levava tres ãnos avia *e aquelles ornes negros eram diaboos e que lho quieriam levar. E disse lhe que se reprehendesse e que lho levase em cada huũ anno, asy como lho ante levava. E despois que o moço foy cresçudo. aconteçeo que foy a monte e achou la hũa colmea com cera e tom[o]u a cera pera a casa da madre e diselhe que a cozesse e que faria hũa candea pera os mártires; e a madre fezeo asy. E o minino levou a candea aos mártires e tomose pera a casa da madre e deitose em sua cama. E veio lhe em sonhos sam Verissimo e disselhe que aquella candea que lhe levava que nõ era sua, mays que era alhea, e que se ergesse e lhe levasse outra.

APÊNDICE

A vida e payxam dos Sanctos Mártires Verissimo, Maxima ⁽⁸⁷⁾
e Jullia, hirmãos, naturaes da çidade de Lixboa ⁽⁸⁸⁾

Diz assy: Allegrese em o senhor a beaventurada Espanha, poys que de seus fiins do modo, a saber, da terra morada e firme, mãda e se vaão os sanctos aa gloria, ao senhor Jhesu (Christo, com vencimento de victorea.

Honde he de saber que, nas partes e nos fiins da terra, he hũa muy nobre e antiigua çidade chamada Lixboa. Este nome ouve do edifficador Ulixes e ella he de toda parte bãa, a saber, que sua comarca e termos som muy cõpridos de todas boÕas cousas que som necessareas aa vida humana. E pore, assy como o senhor a quis guarnecer dos bees teporaes, nõ menos outrosy a quis guarnecer de sanctas reliquias e precioso thesouro, pois em aqueles tẽpos que os emperadores romaãos mãdavã todo o mudo, como ouvessem tal poderyo por permisam ⁽⁸⁹⁾ e despoaçam divina, por que todas as cousas se mante, regem e governam, fosse por qual quer razã ou premissa do senhor Deus a que cousa se nom esconde, per ventura ⁽⁹⁰⁾ que era em figura do que avia de seer, a saber, haver de seer cabeça de christandade e porque de hy saisse a crueza porque todo o mũdo fosse cheo de mártires, poys [por] aquelle poder de Deus assy dado pera reger, elles, tiranos èperadores, atormentarõ em crueza ha fe do senhor. E tirado ou privado o honor dado a Deus, a outro nõhuũ devido, a saber, de adoraçã, elles o mudarõ em adorar pedras e paaos. E nom soomẽte elles, romaãos, esto faziam, mas ainda todo o mũdo cõstrangiã a esto aver de

⁽⁸⁷⁾ Emendamos *Mixima* para *Maxima*. O texto é, por vezes, confuso.

⁽⁸⁸⁾ *Ho tios sanctorum em lingoajé portugué* (Lisboa, 1513) fis. 227v-228v. No entanto, esta *vida e payxam* prolongava-se mais, não sabemos exactamente até onde, por faltarem as fis. 229 a 231 do exemplar único deste *Flos Sanctorum*, existente na Bibl. Nac. de Lisboa. O índice diz-nos que, na fl. 231, começava a vida de S. Gonçalo de Amarante.

⁽⁸⁹⁾ No *Flos Sanctorum*, vem *promissam*.

⁽⁹⁰⁾ No *Flos Sanctorum*, vem *quentura*.

fazer, trabalhado se per todas maneyras tirar o nome de Jhesu Christo do mudo, pollo qual, por tormetos nom cuydados e nóvamete inventados, atormentava os servos de Christo. Assy que nõ avia hy logar, nem ainda villa nem povoaçã ou aldeia, onde nõ.....⁽⁹¹⁾ cruel persecuçã contra os christãos..... côfessores do nome de Christo.

Pois como esta mesma sentença e persecuçã viesse aa cidade de Lixboa e execuçam ally fosse pollos cruees ministros, enviados dos emperadores, e muytos, por espato das penas e crueza dos algozes, negava ha fe de Christo e adorava aos ydolos vãos e malinos; mas, antre hos outros côfessores de Christo, era na dieta cidade tres hirmaãos, a saber, Verissimo, Maxima e Jullia suas hirmaãs, todos de hua relligiã, de huũ voto, de huũ devaçã e coraçã muy firmes e fices.

Estes ⁽⁹²⁾, ouvindo tam cruees e injustos mãdados e fortes pregoões que dello fazia, foro muy atormetados em seus corações e muyto mais em veêdo que muytos, cõ tor-meto, negava a Christo.

Pollo qual elles acesos mais fortemete no zello do senhor, amoestavam a ssy mesmos que se dessem e manifestassẽ aos cruees emqueredores e perseguidores, porque, animados per elles, os coraçõees fracos fossem esforçados em o senhor. E assy como o cuydarem, o poserõ em obra. E porem, cõ muy boõ e pacífico coraçã, se offerecerom aos tiranos, confessando o nome do senhor e afirmado se de grado seerẽ christãos e aquella fe e adoraçam que elles maldictos deffendia, por cujo amor nõ soomete elles se offereciã mas ainda desejavam padecer e morrer cõ seus tormentos, por amor de Jhesu Christo.

È porem, veendo o principal executor destas pênas cruellissimas a fortelleza e firmeza dos sanctos, começou hos de ameaçar cõ fortissimas pênas, se nõ obedicessem a seus mãdados e sacrificassem seus deoses; mas vêdo que os sanctos escarneciã de seus mãdados e erã firmes, cõhecêdo seu desprezo e muyto esforço aos outros christãos nõ tã valientes no amor de Jhesu Christo, quise os têtã per outra maneyra mais periigosa, a saber, affaagos e brandezas, reque-rêdoos cõ pallavras mansas e pormetendolhe grãdes promessas, creêdo que, ou por ameaças e espãtos ou por grãdes doões, podia vençer e subjugar os coraçõees daquelles que ja estavã fundados sobre a firme pedra; mas como os servos de 'Deus e muy sanctos irmaãos, diversos no sexu e callidade mas nõ na fortelleza e vontade, vissem a malicia ⁽⁹³⁾ do tirano..... osamete proceder por..... e se fizessem mais constantes e a vontade do juiz demovessem a lhes dar os tormetos, disserõ: que he o que dizes ou fazes?; nõ podes vècer aquelles que em Christo som fundados e cujos corações ja regnã cõ Christo; faze tuas obras e verás a vertude do senhor, em nos, mays podẽ padecêdo que tu atormetãdo ⁽⁹⁴⁾.

⁽⁹¹⁾ Quando pomos reticências no texto, quer dizer que falta alguma palavra (ou mesmo mais de uma). Sempre, porém, menos duma linha deste volume impresso a duas colunas. O exemplar da Bibl. Nac. de Lisboa está um pouco deteriorado nalguns lugares.

⁽⁹²⁾ *No Flos Sanctorum, vem Esta.*

⁽⁹³⁾ *No Flos Sanctorum, vem malícia.*

⁽⁹⁴⁾ *Talvez a frase correctã fosse assim: e verás que a vertude do senhor,, em nós, mais pode padecendo que tu atormetãdo.*

C5 estas pallavras e outras muytas, asperas e muy vertuosamête dietas, movido o coraçã do juyz a yra, cõ arrebatamêto e sanha os mãdou meter no cárcere, cuydando que por longura de tempo os sanctos se movessem e que por tal maneyra em pruvico o nõ confundissem e injuriassem; como per dias os sanctos estevessem no cárcere, nõ ousando ja de pruvicamête hos pregutar nõ per sy ouvir, o cruellissimo juyz mandou ao cárcere preguntar en que determinaçam era suas vôtades.

E disserom os sanctos: faze o que quiseres, ca ja em nos he cõfirmado o amor e graça de 'Christo, o qual nõ deyxaremos por nenhUa maneyra.

E logo arrebatados e postos no tormento do aculleo, a saber, aspa tomadiça, e ally descomjuntarõ os seus corpos, no qual os sanctos muito se allegravã, pois que ja padeci ã por amor de Jhesu Christo e erã dignos de aquello que tão desejava, e pediã que lhes alongassem e acrecentassem os tormêtos, porque fossé mais acrecentados seus merecimêtos e coroas de victorea. E veêdo o cruel juyz que nõ se quebrãtavam, antes muy to mays se alegrava nos tormentos e sempre erã fectos mais fortes, cheo de diabollica yra os mãdou açoutar, cõ varas asperas e cheas de espinhos; mas o senhor, muy fiel nas suas pallavras e sancto em as suas obras, foy sempre com elles e nõ os deyxou na tentaçam e prova, mas allegrava seus corações, que nom falleciam mas antes mais se allegravã e louvavã e assy parecia que nõ sentia nada; mas os ministros do diabo, assy como desacordados, ja nõ sabiã que fazer, pero buscavam ainda outras novas maneyras de penas, como grãvemete os po d essem atormentar; pore, mãdou o juiz fazer huU aculleo muy grãde demasiadamente, por tal que polia grãdeza da machina fosse mais espãtoso, e fez ally poer seus corpos muy altos, em vista e por espan..... os fez rascar cõ pentes de ferro, cruelmete e cõ huas unhas feytiças que emtravã e espedaçavã todas has carnes e nervos, atee as emtradhanhas mais de dêtro, em tal maneyra que atee às tripas eram chagados; mas a divinal virtude sobrepojava todo tormeto umano e elles, cõ faces allegres, mostravã grãde prazer do spiritu e, olhãdo ao ceo, catavam ao senhor louvores de gloria; veêdo taaes cousas, o cruel juyz e tirano, nõ sabendo ja que dizer nem cuydar, era fora de sy; pore, os fez tirar do aculleo. E assentando se a julgar, ally os fez trazer ja assy como espedaçados, mas assy como vinhã cõ sua crecida fe e firmeza, o juiz, nõ dando gloria a «Deus mas sempre crescendo na guerra e orueza, fezeos lançar em terra e fortemete atar pollos pees; assy os fez arrastar por toda a cidade, que he asaz grande e aspera em muytos loguares, mas, com todo esto, os sanctos nõ falleciã, antes sempre se gloriavã e aviã se por beaventurados e assi se diziã e beatificavã.

Emtom seêdo ante elle tornados, os mãdou o crudissimo juyz fora de toda humanidade, apedrejar a todo o povoo; mas en todas aquellas cousas mais erã ledos e mais alta e despejadamête louvavã e cõfessavã o nome de Christo. E vedo ho juyz que cousa acabar nõ podia do que queria, mandou os degollar, veendo outrosy que publicamête o confundia e emvergonhavã e que muytos, veedo taaes cousas, eram cõpunctos e movidos a doo e a piedade e ainda eram constringidos a louvar ho nome do senhor; logo, pois, os ministros cruees, que ja todas as cousas faziam aaleê do officio, cõ grande impito e muy sentido rãcor, muy trigosamête cõprirom o que lhes assy foy mãdado.

Em cortãdo as cabeças aos sanctos mártires, suas muy sanctas almas aos

ceos as mandaram; mas o cruel juiz, ainda nom folgando nem seendo satisfecto de aquelles que na vida veencer nom pode, agora na morte desejava vingança, pois sabendo que ja os corpos eram mortos, mandou os jazer per dias no campo e, nõ seendo d esto contente ainda, mãdou tomar os corpos dos sanctos e atarlhes grandes pedras ao collo e lançallos no mar..... haquelle que das carnes fic.....⁽⁹⁵⁾.

⁽⁹⁵⁾ Falta o resto, como dissemos na nota 88, devido à mutilação do exemplar único deste *Flos Sanctorum* de 15.13.